



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Carla Sofia Martins da Silva

A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NO JARDIM DE INFÂNCIA: ÁREAS PREFERIDAS DAS CRIANÇAS

Nome do Curso de Mestrado
Educação Pré-Escolar

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada II efectuado sob a
orientação de
Professor Gonçalo Marques

Julho de 2011

Agradecimentos

Existem muitos agradecimentos a fazer, pois se consegui realizar a minha investigação com sucesso isso deve-se ao apoio que recebi por todas as pessoas que me estão próximas.

Deixo aqui um enorme obrigado, ao Professor Gonçalo Marques, o meu orientador, por todo o tempo dispensado, por toda a preocupação e incentivo que me deu. Foi completamente incansável e sem dúvida que merece um agradecimento especial.

Agradeço à minha família directa, pai, mãe e irmão, à Cristina Rodrigues e a alguns amigos mais próximos, pelo apoio e incentivo que me foram dando. Obrigada por estarem sempre do meu lado, quando precisei de uma palavra de força, para seguir em frente.

Para as Educadoras Graça Rocha, Graça Cavaleiro, Graciosa, António e Mi, e as respectivas auxiliares, Maria José, Ana Maria, Ana Maria e tal, pelo apoio, prontidão e liberdade que me deram para a recolha dos dados necessários ao estudo.

Um agradecimento especial, também, a todas as crianças do Jardim-de-Infância presentes no ano lectivo de 2010/2011 (se fosse aqui a citar nunca mais acabavam) que mesmo sem ter a noção do que se estava a passar, foram eles que me deram os dados mais valiosos para o meu estudo.

A todas as pessoas que de algum modo me ajudaram e para aquelas que agora a memória me falha, um eterno obrigado a todos por me terem ajudado a conseguir...

Carla Silva

RESUMO

No Jardim-de-infância todas as salas de actividades estão, na sua maior parte, organizadas por áreas, sendo que estas não são estanques, podendo e devendo o educador criar novos conteúdos, desde que isso corresponda a uma expectativa por parte das crianças. É fundamental o educador conhecer quais as áreas de preferência de cada uma das crianças. Mas, por mais que o educador queira inovar e modificar a sua sala, por vezes há poucos meios para isso. No modelo curricular *High Scope*, a organização do espaço educativo ocupa um papel central na construção de aprendizagens.

Um educador deve procurar tornar a sua sala de actividades num local em que as crianças gostem de estar, que lhes proporcione múltiplas e diversificadas experiências e que, de certo modo, vá de encontro às suas preferências, pois cada criança tem gostos e interesses diferentes. Normalmente, há uma tendência para escolher sempre a mesma área, sendo aqui essencial o papel do educador no acompanhamento da escolha das crianças de modo a garantir que estas experimentam todos os recursos disponíveis.

Nestas idades, as crianças “*aprendem fazendo*” por isso, é importante que experimentem e vivenciem tudo. Este estudo mostra as preferências de cada criança e é bastante interessante reparar nas diferenças existentes de sala para sala.

Palavras-Chave: jardim-de-infância, áreas, sala de actividades, crianças, educador

Julho de 2011

ABSTRACT

In kindergarten almost every classroom is organized in different areas that can be changed from time to time. The educator can and should create new activities as long as they correspond to the children's expectations. It is fundamental for the educator to know the areas of preference of each child. However, sometimes the educator wants to innovate and change the classroom where he/she works but the means or support to do that are not always available. The organization of the educative space plays a central role in the construction of learning in the *High Scope* curricular model.

An educator must always try to transform his/her classroom in a place where children enjoy being, providing them multiple and varied experiences according to their preferences, because each child has different tastes and interests.

Usually, there is a tendency to choose always the same area. Thus, the role of the educator in accompanying the children's choice is essential to make sure they experiment all the areas.

Children within this range of ages learn by doing, so it is important for them to experiment and live all there is to live. This study shows the preferences of each child and it is very interesting to notice the differences there are in different classrooms.

Key words: kindergarten, areas, activity room, children, educator

Julho de 2011

ÍNDICE

Agradecimentos.....	3
RESUMO	4
ABSTRACT.....	5
ÍNDICE	6
Lista de Gráficos.....	8
Lista de ilustrações.....	8
Lista de Tabelas.....	9
CAPÍTULO I – Enquadramento teórico	10
1.1.Motivações.....	11
1.2.Relevância do estudo	12
1.3.Objectivos da investigação	12
1.4.Questões da investigação e formulação da questão central	13
1.5.Limitações do estudo.....	13
1.6. Organização do estudo	14
CAPÍTULO II - Fundamentação teórica.....	15
2.1.A importância do espaço	15
2.2.Organização do espaço-sala segundo o modelo curricular High/Scope.....	18
2.3. Áreas de trabalho – arranjo e apetrechamento da sala de actividades	23
CAPÍTULO III – Metodologia adaptada.....	25
3.1.Investigação Quantitativa.....	25
3.2.Estudo de Caso.....	26
3.3.Contexto e amostra	27
3.4.Trabalho empírico e cronograma.....	28
3.5.Instrumentos de recolha de dados	28
3.5.1.Inquérito por Entrevista.....	29
3.5.2. Grelha	30
3.5.3.Observação Participante.....	30
3.5.4. Ficha de identificação do Jardim e de cada uma das respectivas salas	30
3.5.5. Registos Visuais	31
3.6. Análise de dados	31
CAPÍTULO IV – Apresentação e análise dos resultados	32

4.1.A nível geral do Jardim-de-Infância.....	32
4.1.1.Localização do jardim	32
4.1.2.Organização e gestão do Jardim.....	32
4.1.3.Características do espaço físico (recreio - espaço exterior; interior)	34
4.1.4.Recursos Humanos	35
4.1.5.Recursos materiais	35
4.1.6. Preferência das crianças e Interpretação dos resultados	37
4.2. A nível de cada sala de actividades	39
4.2.1. Sala de Actividades 1	39
4.2.2. Sala de Actividades 2	41
4.2.3. Sala de Actividades 3	43
4.2.4. Sala de Actividades 4	46
CAPÍTULO V – Conclusão	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXOS	53
Anexo 1 – Importância e organização de cada área	53
Anexo 2 – Documento dirigido a todos os educadores a pedir autorização.....	57
Anexo 3– Documento em resposta redigido pela coordenadora do Jardim.....	58
Anexo 4 – Grelha.....	59
Anexo 5 – Ficha de identificação do Jardim	60
Anexo 6 – Ficha de identificação de cada sala.....	61
Anexo 7– Fichas de identificação de cada sala preenchidas	63
Anexo 8 – Grelhas preenchidas	75

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Idade das crianças da sala	39
Gráfico 2 - Sexo das crianças da sala 1.....	39
Gráfico 3 - Preferências quanto às áreas - Sala 1	40
Gráfico 4 - Idade das crianças da sala 2	41
Gráfico 5 - Sexo das crianças da sala 2.....	41
Gráfico 6 - Preferências quanto às áreas - Sala 2	42
Gráfico 7 - Idade das crianças da sala 3	43
Gráfico 8 - Sexo das crianças da sala 3.....	43
Gráfico 9 - Preferência quanto às áreas - Sala 3	45
Gráfico 10 - Idade das crianças da sala 4	46
Gráfico 11 - Sexo das crianças – sala 4.....	46
Gráfico 12 - Preferências quanto às áreas - Sala 4	47

Lista de ilustrações

Ilustração 1- Disposição das áreas no espaço	24
Ilustração 2 – Recreio.....	60
Ilustração 3 – Biblioteca	60
Ilustração 4 – Ginásio.....	60
Ilustração 5 - Cantina	60
Ilustração 6 - Vista geral da sala	65
Ilustração 7 - Vista geral da sala	65
Ilustração 8 - Área dos Jogos de Chão.....	65
Ilustração 9 - Área da Biblioteca e cómoda com as actividades dos Jogos de Mesa	65
Ilustração 10 - Área da Casa	65
Ilustração 11 - Área do Computador, Área do Quadro e armário de material	65
Ilustração 12 - Vista geral da sala	68
Ilustração 13 - Vista geral da sala 2.....	68
Ilustração 14 - Área dos Jogos de Chão e do Computador.....	68
Ilustração 15 - Área da Casinha	68
Ilustração 16 - Tabelas com as áreas	68
Ilustração 17 - Armário com os Jogos de Mesa	68
Ilustração 18 - Tabela das Áreas	71
Ilustração 19 - Área da Casinha	71
Ilustração 20 - Vista Geral	71
Ilustração 21 - Armário com os Jogos de Chão, o material da Costura e Instrumentos Musicais	71
Ilustração 22 - Armário com os Jogos de Mesa	71
Ilustração 23 - Armário com os materiais de Desenho, Colagem, Pintura.....	71
Ilustração 24 - Vista Geral	74
Ilustração 25 - Área da Casinha, do Computador e Biblioteca	74

Ilustração 26 - Armário dos Jogos do Chão e de Mesa	74
Ilustração 27 - Área dos Jogos de Chão, dos Jogos de Mesa e Local para contar histórias	74

Lista de Tabelas

Tabela 1- Proposta de organização do espaço sala do Currículo High/Scope.....	21
Tabela 2 - Horário de funcionamento do Jardim-de-Infância	32
Tabela 3 - Área preferida a nível do Jardim.....	37
Tabela 4 - Área Menos Preferida a nível do Jardim	38
Tabela 5 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 1	41
Tabela 6 - Número máximo de crianças por área	42
Tabela 7 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 2	43
Tabela 8 - Número máximo de crianças por área	44
Tabela 9 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 3	46
Tabela 10 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 4	48

CAPÍTULO I – Enquadramento teórico

*“Ensinar a escrever antes de permitir que a criança experimente
desenhar e pintar, é tão absurdo como pretender ensinar uma criança
a ler antes que ela saiba falar”*
(SANTOS, 1983).

Apesar da rede pública de estabelecimentos já existir há 30 anos, ainda existe um desconhecimento da maioria da população quanto às suas características específicas e serviços, continuando-se a pensar que o Jardim de Infância é um local de guarda, onde as crianças brincam felizes e as educadoras e auxiliares que estão prontas para os ajudar em qualquer momento.

Com o decurso do tempo, principalmente com as mudanças relacionadas com a industrialização e com o desenvolvimento de ciências como a psicologia e pedagogia uma nova concepção foi-se afirmando. A criança passou a ser encarada como tendo uma identidade, como sendo parte integrante do seio familiar e ganhou um novo papel, de muito maior relevo. Assim sendo, foram-se criando algumas leis que apresentavam os direitos da criança e um dos mais importantes era o direito à educação. As famílias passaram a exigir uma formação de qualidade para os seus filhos, tendo o Estado necessidade de encontrar soluções que respondam a esta exigência, quer através da publicação de novas leis, regulamentos, reformas educativas, quer na esperança de conseguir criar um programa de formação que fosse ao encontro da evolução da sociedade.

A criança passou de um “*não ser*”, de uma realidade próxima do homúnculo, para alguém que tem um papel activo na construção dos seus saberes. No caso concreto de Portugal, a publicação da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, em 1986, veio afirmar que a Educação Pré-Escolar tem que estar integrada dentro do sistema público da educação, sendo vista como complementar da acção da família, do ponto de vista educacional. Em Portugal, as pessoas já reconhecem a importância da Educação Pré-Escolar e, em 1996, foi possível constatar o grande desenvolvimento deste nível de ensino, já que se procedeu a uma expansão da rede pré-escolar pública e a um

aumento do número de crianças inscritas neste ciclo de estudos. Hoje em dia, o ensino pré-escolar já é visto como a primeira fase da Educação Básica. Mas, sem nunca descurar da ideia que nos apresenta Spodek (2002, p.9): *“os pais são os primeiros educadores da infância dos filhos”*, é na primeira infância que as crianças mais aprendem e estão mais receptivas a analisar o mundo que as rodeia, que a sua personalidade se forma e que adquirem valor para o resto da vida.

Na sua obra *"Tudo o que eu devia saber na vida aprendi no Jardim de Infância"*, Robert Fulghum descreve e defende o papel crucial representado pela Educação Pré-Escolar no desenvolvimento da criança no plano da criação de ritmos de trabalho, na valorização pessoal e no desenvolvimento de boas práticas sociais.

Os ambientes construídos para crianças devem atender a funções relativas ao desenvolvimento infantil, com o intuito de promoverem a identidade pessoal e privacidade, desenvolvimento de competências, oportunidades para o crescimento com autonomia e liberdade. A pesquisa conduzida nas áreas indica alguns critérios que poderão ajudar na organização espacial nos jardins-de-infância, envolvendo tanto o planeamento da área interna como externa.

No ensino pré-escolar é frequente ouvir a palavra *“Área”* para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças. A organização do espaço, no jardim-de-infância, reflecte as intenções pedagógicas do educador, pelo que os contextos devem ser adequados para promoverem aprendizagens significativas como a alegria e gosto de estar no jardim, que potenciam o desenvolvimento integrado das crianças que neles vão passar grande parte do seu tempo. Isto implica que as áreas ou espaços criados na sala do Jardim de Infância não sejam estanques, isto é, pode-se e deve-se criar novas áreas indo ao encontro do interesse do grupo de crianças, mediante os projectos que se estiverem a desenvolver. As mudanças devem ser sempre feitas com a participação activa do grupo. Desta forma identificam-se e familiarizam-se com o espaço e participam no processo de organização.

1.1.Motivações

As motivações que serviram de base para a escolha deste tema, incidiram muito em interesses pessoais e também profissionais, já que durante a minha Prática de Ensino

Supervisionada, verifiquei que todas as salas no Jardim estavam organizadas por áreas, o que, apesar de ser corrente na Educação Pré-Escolar, acabou por me prender a atenção dado o papel de relevo que todos os educadores dão às áreas, proporcionando todos os dias momentos para que as crianças possam escolher a vertente com que mais se identificam, para além de lhes ser proporcionado um momento de actividade mais livre e autónomo.

Eu tive a oportunidade de estar num contexto extremamente rico, a esse nível, e com o passar do tempo, fui-me apercebendo do verdadeiro valor das áreas no desenvolvimento da criança, já que estas têm oportunidade de presenciar inúmeras experiências, vivências e adquirir novos conhecimentos, sendo os próprios construtores do seu saber.

1.2.Relevância do estudo

Na organização da sala de actividades o educador tem um papel de relevo, sendo o grande responsável pela escolha das áreas e estando essa escolha sujeita a um conjunto de opções pedagógicas, que devem ir ao encontro das preferências das crianças. Por isso mesmo, é importante que o educador conheça as expectativas das crianças, de modo que a sala venha a responder a essas expectativas.

O estudo tem um grande potencial porque vai fazer com que eu conheça as preferências e perceba quais as áreas mais apelativas e atractivas e aquelas que não apresentam um significado tão especial, podendo depois estabelecer comparações entre salas. Deste modo, este estudo auxiliará o educador, na medida em que o acompanhará na melhor organização da sua sala, tendo sempre por base os interesses das crianças.

1.3.Objectivos da investigação

Com o objectivo de investigar a organização das salas das actividades no Pré-Escolar e as preferências das crianças, utilizei a metodologia quantitativa, desenvolvida através de um estudo de caso, para o qual formulei os seguintes objectivos:

- a) Conhecer o Modelo que rege os educadores do contexto estudado;
- b) Conhecer a organização de cada uma das salas;

- c) Conhecer as preferências das crianças;
- d) Comparar as preferências das crianças entre salas;
- e) Conhecer as preferências a nível do Jardim;
- f) Fornecer dados aos educadores acerca das preferências das crianças de modo a estes poderem potencializar certas áreas;

1.4. Questões da investigação e formulação da questão central

De modo a sistematizar, estruturar a minha investigação e responder ao meu objectivo, senti a necessidade de formular algumas questões, para evitar alguns dúvidas e manter-me focada no que realmente era importante.

As questões formuladas são as seguintes:

- a) Porque existem “áreas” ou “cantinhos” organizados na nossa sala de actividades?
- b) Qual o papel do educador na organização da sala?
- c) Porque é que são sempre escolhidas certas áreas?
- d) Qual o Modelo Curricular que se segue no contexto de estudo?
- e) Qual é a área preferida?
- f) Qual a área que menos preferes?

As duas últimas questões são centrais no decurso deste estudo.

1.5. Limitações do estudo

A investigação foi limitada apenas ao Jardim de Infância de Monserrate, local onde me encontrava a realizar a minha *Prática de Ensino Supervisionada II*. Assim, obtive uma perspectiva apenas daquele contexto, sendo que os resultados são válidos, apenas, naquela realidade. Outra limitação prende-se com o facto de estar a questionar directamente as crianças acerca das suas reais preferências e por vezes a sua resposta poder não ser totalmente conforme à realidade educativa, o que exige que o educador, conhecendo bem as suas crianças, interprete e analise as respostas por forma a aproximá-las à percepção do contexto educativo.

1.6. Organização do estudo

O relatório está estruturado em três capítulos:

Na introdução começo por apresentar sistematicamente o porquê da escolha deste assunto, qual a sua pertinência e importância e quais os pontos fulcrais que decidi abordar, traçando o problema, criando as questões orientadoras, os objectivos a alcançar, sem esquecer de avançar as limitações que este estudo apresenta.

O primeiro capítulo, constitui-se como ponto de partida para o enquadramento teórico falando acerca da importância do jardim-de-infância. Posteriormente, desenvolve-se a fundamentação teórica, onde abordo a importância da organização do espaço – segundo o Modelo Curricular *High/Scope*, que rege a acção dos educadores do Jardim onde se realizou o estudo – e por fim, apresento segundo o mesmo modelo as áreas que devem existir numa sala de actividades, qual o seu intuito e como devem estar apetrechadas.

No segundo capítulo, apresento a metodologia utilizada na investigação e justifico-a, revelando os instrumentos de recolha de dados que decidi utilizar e clarificando a escolha daquele contexto e a amostra de dados acompanhada de um pequeno cronograma do trabalho que foi realizado.

No terceiro capítulo, apresento e analiso todos os dados recolhidos, começando por caracterizar o contexto, tanto a nível do Jardim como a nível de cada uma das salas, apresentando as preferências das crianças a nível das áreas e interpretando os resultados.

Para finalizar, na conclusão, analiso os resultados que obtive através da recolha de dados que realizei, quais foram os pontos fracos e quais as implicações do estudo, tendo sempre um olhar crítico.

CAPÍTULO II - Fundamentação teórica

2.1.A importância do espaço

Pode pensar-se que não, mas o espaço é um elemento importante na construção pedagógica, tendo grande impacto no desenvolvimento das crianças. Todos os espaços em que a sala está organizada devem garantir o desenvolvimento da criança, a sua autonomia, liberdade, socialização, segurança, confiança e privacidade. E para além disso, cada um dos espaços deve estar arranjando de acordo com as necessidades específicas, isto é: os materiais e brinquedos devem corresponder ao nível de desenvolvimento das crianças ou às faixas etárias.

Assim sendo, Zabalza (1998, p.236) apresenta-nos a sua opinião acerca do espaço, como é constituído e principais prioridades a considerar:

“O espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades, é uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas. Será estimulante ou, pelo contrário, limitante, em função do nível de congruência em relação aos objectivos e dinâmica geral das actividades que forem colocadas em prática ou em relação aos métodos educacionais, que caracterizam o estilo de trabalho. O ambiente de aula, enquanto contexto de aprendizagem, constitui uma rede de estruturas espaciais, de linguagens, de instrumentos e, finalmente, de possibilidades ou limitações para o desenvolvimento das actividades formadoras.”

Ao organizar a sua sala de actividades, o educador tem que pensar primeiramente que o mais importante é proporcionar novas e diversificadas experiências e que deve ir de encontro aos gostos das crianças para que o resultado das mesmas seja um contributo positivo para o seu bom desenvolvimento. Zabalza (1998, p.28), ao falar acerca da qualidade de vida dos professores como algo relevante no sistema educativo, refere que:

“Como em nenhum outro nível educativo, a qualidade de vida e de trabalho dos professores depende da qualidade dos espaços. Estes transformam-se nos grandes protagonistas da Educação Infantil. E afectam, por igual, a satisfação das crianças que vivem a sua escola por meio deles, como a dos professores que os usarão como recurso básico do seu discurso pedagógico, além de que passarão ali, cercados de crianças pequenas, grande parte de sua vida.”

Sem dúvida que o espaço físico é algo que tem grande relevo no contexto de jardim-de-infância, sendo que uma sala bem apetrechada, com bons materiais didáctico-pedagógicos, com mobílias e decoração adequada vai fazer com que o educador ganhe mais ânimo e vontade de realizar o seu papel, tendo todas as condições para proporcionar óptimas experiências e estar muito mais motivado, o que se traduzirá no aproveitamento das crianças. Mas, nem todos os jardins-de-infância proporcionam aos educadores um espaço muito acolhedor e com todas as condições, por isso cabe a este importante agente educativo fazer renascer aquele espaço, acrescentando-lhe um pouco de cor e um toque pessoal que potencie as características do grupo, uma vez que o educador deve sentir o espaço como agradável e motivador para o exercício educativo.

O educador, ao organizar o espaço da sua sala, deve considerar o aspecto estético, isto é tornar o espaço acolhedor, belo e proporcional. Para além disso, deve ter em conta os aspectos funcionais, ou seja, deve ter cuidado no arranjo dos locais e dos recursos disponíveis de acordo com as finalidades que quer ver cumpridas. Por fim, os aspectos ambientais também são importantes, visto que se o espaço tiver temperaturas muito baixas ou elevadas, uma iluminação fraca, são factores considerados como prejudiciais.

Forneiro (1998), considera que os diversos componentes relativos ao espaço é que vão definir o cenário das aprendizagens. Assim, o espaço escolar tem que ter em atenção os critérios de organização, que se resumem na estruturação, delimitação, transformação, estética, pluralidade, autonomia, segurança, diversidade e polivalência. De acordo com Alliprandi (1984, cit. em Zabalza 1992):

“O educador deve preparar um lugar em que todos, e cada um, sintam que podem estar a seu gosto, em que os objectos (...) não sejam mantidos à distância (...) um lugar que realmente permita o movimento, a expressão, o viver com serenidade, inclusivamente, a vida “bastante difícil” dos pequenos alunos da escola infantil.” (p.281).

Tendo em conta o citado, o educador deve garantir que as aprendizagens sejam experiências felizes, atractivas e divertidas, onde a criança tenha oportunidade de ser actor activo na construção do seu saber e que para isso tenha acesso a todos os materiais e recursos que necessita para tal acontecer, porque esta etapa não é fácil e vai ter grande impacto no desenvolvimento pessoal, afectivo e social que pode afectar o seu futuro sucesso.

2.2. Organização do espaço-sala segundo o modelo curricular High/Scope

“Educar as crianças em idade pré-escolar significa dar-lhes oportunidade para realizarem uma aprendizagem activa. As crianças em acção desenvolvem espírito de iniciativa, curiosidade, desembaraço e auto-confiança – características que lhe serão úteis ao longo de toda a vida”

Educar a criança, 1997

No contexto em que me baseio para a realização deste estudo (Jardim de Infância de Monserrate, Viana do Castelo), depois de questionar directamente os educadores relativamente ao modelo pedagógico de organização do espaço no Jardim de Infância que preferem, todos seguem o Modelo Curricular *High/Scope*. O Currículo *High-Scope* situa-se no quadro de uma perspectiva desenvolvimentista para a educação de infância iniciada na década de sessenta por David Weikart, psicólogo americano e presidente da Fundação de Investigação Educacional High-Scope, em Ypsilanti, Michigan, Estados Unidos. Trata-se de um modelo piagetiano de orientação cognitivista e construtivista, que visa a manipulação e exploração de novas experiências, seguindo os princípios delineados por Jean Piaget:

“O conhecimento não emerge dos objectos ou da criança, mas das interacções que se estabelecem entre a criança e esses objectos” (PIAGET, 1969).

Neste sentido, o modelo *High Scope* rege-se por um princípio fundamental:

“As crianças activas precisam de espaços organizados e equipados com materiais que promovam a aprendizagem activa” (HOHMAN, 1995).

Cabe ao educador preparar o espaço e os materiais, criar um ambiente envolvente de aprendizagem colaborativa e interactiva, para todas as crianças. Para além disso deve ser assegurada igualdade de oportunidades, tendo em conta a resposta aos interesses

e necessidades educacionais das crianças, criando situações de socialização que proporcionam oportunidades de escolha de liderança e de expressão.

Existem outros autores que defendem o papel de importância que a criança tem como construtora do seu próprio saber. Assim, Dewey (1952) que defende que a criança deve *aprender fazendo*, e tendo isto em consideração, o contexto educacional deve centrar-se na acção da criança. Já Freinet (1973) defende que a aprendizagem só é efectiva se envolver *tacteameto experimental*, considerando que este factor constitui a base de organização das actividades educacionais e que é um aspecto fundamental para o desenvolvimento a nível da inteligência. Por fim, aparece-nos Piaget (1970) e Vygostky (2000) que salientam a importância da acção do sujeito sobre o meio físico e social, e das interacções que se estabelecem para a construção dos conhecimentos (construtivismo).

A aprendizagem activa é definida como aquela em que a criança, através da sua acção sobre os objectos e da sua interacção com as pessoas, chega à compreensão do mundo, sendo que esta é tanto mais decisiva e duradoura quanto mais activa e directa. Esta aprendizagem tem que ser mediada por um adulto, mas é da iniciativa da criança, porque vai ser ela que vai descobrir, actuar, manipular e experimentar.

O conceito de aprendizagem activa é o coração conceptual do modelo *High-Scope* que se apoia em quatro pilares críticos:

- A acção directa sobre os objectos;
- A reflexão sobre as acções;
- A motivação intrínseca;
- O espírito de experimentação

Para que seja possível tal aprendizagem é necessário que existam espaços e materiais diversificados pois, numa primeira fase, a criança manipula, explora e descobre os objectos de seu interesse num espaço em que os aprendizes (crianças) desenvolvam acções educativas significativas, sendo que o espaço é, segundo o Currículo *High-Scope*, um meio fundamental de aprendizagem que deve exigir do educador grande investigação e investimento no equipamento, sendo a criação do espaço de aprendizagem (sala de actividades) a primeira etapa de implementação do Currículo *High-Scope*.

A maneira como o educador organiza a sua sala não deve ser fixa, já que esta deverá corresponder ao desenrolar de novas aprendizagens que decorrem do contributo das crianças e das suas vivências, porque como nos diz Formosinho (2007):

(...) depois de uma visita aos correios surge na sala essa nova área que vai possibilitar falar sobre as necessidades que se tem para montar a área, sobre como fazê-lo, sobre as sequências de realização permitindo, finalmente, o prazer da consecução sucedida e a sua avaliação. (p.67)

Cabe ao educador o papel de estruturar a sala de actividades com áreas geradoras de oportunidades de aprendizagem natural, com uma organização do espaço e variedade de materiais que favoreçam, também, o relacionamento com as crianças, auxiliares e pais. Esse espaço de aprendizagem deve ser um convidativo e dividido em áreas de interesse, com visibilidade e de fácil movimentação entre elas; com variedade de materiais e que apoiem a variedade de jogos; materiais que reflectam o nível de desenvolvimento, interesse e cultura das crianças; materiais que permitam à criança manipular, explorar, descobrir, classificar e usar.

Ao organizar o espaço são necessários materiais de aprendizagem, porque um espaço sem esses recursos não permite ao educador lançar os desafios educacionais que o Currículo preconiza. Tendo este factor em conta, torna-se fundamental que os materiais sejam interessantes para as crianças, diversos, mutáveis, organizados e guardados de forma visível e acessível, sendo que devem estar estruturados em áreas de interesse bem identificadas e ser flexíveis, podendo a criança usá-los de maneiras diferentes, descobrindo formas alternativas de os usar e jogar com eles.

Um aspecto que devemos ter em conta é que as crianças e os adultos partilham o controlo, ainda que de diferentes modos. À criança cabe o poder de aprender e ao adulto o poder de ajudar, apoiar e orientar as crianças, nas diversas experiências e aventuras que lhes vai proporcionando, em que o grande objectivo é aprender através da acção. Neste contexto a proposta de organização do espaço sala do Currículo High/Scope é a seguinte:

Tabela 1- Proposta de organização do espaço sala do Currículo High/Scope

<p align="center">1º ESPAÇO</p> <p>O espaço deve ser amplo para se incluir os materiais e equipamentos necessários.</p>	
<p align="center">2º ÁREAS</p> <p>A sala deverá ser dividida em diferentes áreas indefinidas deixando um espaço central para movimentação entre áreas.</p>	
<p>2.1 Para o início do ano devem-se definir 4 ou 5 áreas: a área da casa, área dos livros, e/ou jogos calmos, área dos blocos e construção e a área da plástica. Mais tarde outras áreas surgirão como a da música, areia e água, natureza e animais e computadores;</p>	<p>2.2 Atribuir nomes às áreas que sejam perceptíveis pela criança e que reflectam o que nelas existe;</p>
<p>2.3 Ter em conta os níveis de desenvolvimento, interesses, e cultura da criança;</p>	<p>2.4 As áreas deverão ser aumentadas ou modificadas para fornecer novas experiências às crianças, quando estas alcançarem novos níveis de desenvolvimento.</p>
<p align="center">3º LOCALIZAÇÃO E TAMANHO DAS ÁREAS</p> <p>Ao decidirmos a localização e tamanho das áreas, devemos considerar os seguintes factores:</p>	
<p>3.1 ESPAÇO – cada área deve ter um espaço suficiente para que possam trabalhar em simultâneo várias crianças;</p>	<p>3.4 NÍVEL DE RUÍDO – distanciar as áreas mais calmas das mais ruidosas;</p>
<p>3.2 UTILIZAÇÃO CRUZADA – colocar as áreas perto umas das outras, tendo estas elementos que possam ser utilizados em comum;</p>	<p>3.5 NÍVEL DE LUMINOSIDADE – localizar as áreas da biblioteca e a plástica, em função da luz natural;</p>
<p>3.3 SUPERFÍCIES DE CHÃO – localizar se possível os materiais de expressão plástica em superfícies fáceis de limpar e perto de água corrente para facilitar a limpeza;</p>	<p>3.6 VISIBILIDADE – as divisões entre as áreas, deverão ser suficientemente baixas para as crianças poderem observar de umas áreas para as outras;</p>
<p>3.7 CIRCULAÇÃO – permitir uma boa circulação entre áreas sem que as crianças se incomodem umas às outras.</p>	

4º ESCOLHER, ARMAZENAR E ETIQUETAR MATERIAIS	
4.1 A ESCOLHA DOS MATERIAIS - seleccionar materiais que possam ser usados de diferentes formas, para encorajar a criatividade da criança; - ter materiais, limpos, conservados e seguros; - ter materiais para actividades individuais e em grupo; - os materiais deverão reflectir a experiência de vida e cultura das crianças; - limitar a variedade dos materiais no início do ano e ir acrescentando novos pontualmente; - ter materiais de tamanho real (jogo simbólico); - os materiais deverão reflectir a ordem natural dos níveis de desenvolvimento das crianças.	4.2 ARMAZENAR MATERIAIS - ter materiais em número suficiente, para que as crianças os possam utilizar simultaneamente; - ordenar materiais por cor, tamanhos...; - dispô-los de forma visível e que as crianças tenham acesso; - só os materiais seguros e utilizáveis deverão estar ao alcance da criança; - usar materiais de desperdício; - arranjar um local na sala para cada criança guardar os seus materiais e trabalhos; - cada criança deve ter um símbolo para os seus materiais e trabalhos.
4.3 ETIQUETAR OS MATERIAIS Etiquetar os materiais é um exercício cognitivo de discriminação, ao identificarem os símbolos, e é um exercício que conduz à pré-leitura e escrita. Desenvolve a noção de responsabilidade e forma hábitos de ordem, pois a criança, deixa cada coisa no seu sítio depois de usada, compreendendo assim o porquê dessa ordem e o respeito pela conservação dos materiais. Assim, os lugares onde os materiais estão guardados deverão estar assinalados com uma variedade de etiquetas: <ul style="list-style-type: none"> - objectos reais; - catálogos dos materiais; - esboços, silhuetas ou desenhos; - fotografias ou escrita; - combinações de todas. 	
5º AJUDAR A CRIANÇA A FAZER APRENDIZAGEM SOBRE A SALA Desde logo deve-se implicar a criança na organização do espaço sala e materiais, para	

fomentar o espírito de trabalho em equipa, ajudá-las a fazer opções ou a tomar decisões e estimulá-las a conversarem e auxiliarem-se umas às outras. Também é importante acentuar o uso das áreas, quando falamos com as crianças. Ex: a Paula aponta para uma área, *“Ah! Queres ir para a área da casinha!”*.

6ª EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DA CRIANÇA

A exposição dos trabalhos da criança é o testemunho do que se passa no espaço sala, é o gesto de expressão criadora, é um acto que vem de dentro da criança e é o próprio jogo. Assim, é importante ter nas áreas, espaços específicos para se expor os trabalhos das crianças, individuais e de grupo, não muito alto, pois pretende-se que os trabalhos fiquem ao nível do olhar das crianças.

FONTE: “A criança em acção” (adaptado)

Em suma, *“ambientes favoráveis à aprendizagem exercitam e desafiam os potenciais em desenvolvimento”* (Hohmann, 1995, p.11). Isto mostra e reforça a importância deste modelo, que acima de tudo defende que a criança aprende e cresce através da acção e que a criança e o adulto devem partilhar vivências e experiências.

2.3. Áreas de trabalho – arranjo e apetrechamento da sala de actividades

Não há dúvida que *“o espaço da sala de actividades funciona melhor com crianças que fazem as suas próprias opções quando dividido em áreas de trabalho distintas”* (Homann, 1995,p.51), já que as crianças têm mais facilidade em observar todas as áreas que dispõem. Cada área tem que estar bem definida e vai proporcionar um tipo de trabalho diferente e oportunidade de manipular materiais diferentes, para que isso aconteça estas matérias terão que estar visíveis e ao alcance das crianças.

O educador deve ter sempre em conta que *“é conveniente que as áreas de trabalho se localizem em volta do perímetro da sala, deixando um espaço para a movimentação de um área para outra e para reuniões de grupo e jogos de acção”*(Hohmann, 1995, p.52), mas na maior parte das salas de actividades, devido à falta de espaço suficiente para existência dessa área central *“uma das áreas de trabalho deve ser suficientemente grande para permitir reuniões de grupo.”* (Hohmann, 1995, p.52).

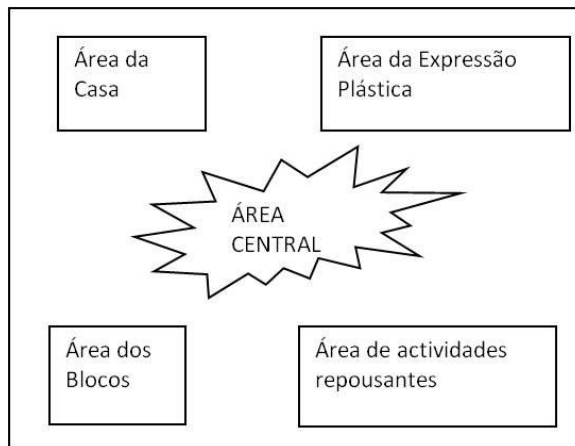


Ilustração 1- Disposição das áreas no espaço

Num modelo deste tipo, em que é seguido um programa com orientações cognitivistas, as áreas¹ que deveriam de existir numa sala de actividades seriam: *a área dos blocos, a área da casa, a área da expressão plástica, a área de actividades repousantes, a área das construções, a área da música e movimento, a área da água e da areia, a área dos animais e plantas e a área de recreio ao ar livre*. No entanto, o educador poderá, sempre que tal se revele necessário, adaptar a construção das áreas à evolução das aprendizagens e à curiosidade do grupo que coordena.

Numa sala de actividades deve existir um espaço dedicado a cada criança, essencial à construção da identidade individual, onde esta possa arrumar os seus objectos pessoais, como por exemplo um cacifo ou algum recipiente. Na verdade raramente se observa isto, dado que cada criança apresenta, apenas (e na generalidade), um cabide individual.

¹ Ver anexo 1 – Importância e organização de cada área;

CAPÍTULO III – Metodologia adaptada

3.1. Investigação Quantitativa

Sobre esta técnica de investigação, Domingos Fernandes esclarece-nos, num dos seus artigos publicados² sobre o tema, que “ *os investigadores inspiram-se no método por excelência das chamadas ciências experimentais – o chamado método científico*” para o desenvolvimento de leitura e análise de dados da forma mais objectiva que seja possível. Cada novo fenómeno corresponde a uma interpretação primordial. Ao realizar essa interpretação vai-se obter resultados e neste tipo de investigação procura-se verificar até que ponto os resultados que se obtiveram podem ou não ser generalizáveis, dado que o grande objectivo deste tipo de investigação é mesmo esse, que os resultados possam ser englobantes.

Pode recorrer-se a várias técnicas de recolha de dados, tal como a entrevista, o registo de áudio e vídeo, entre outros, tendo por objectivo alcançar o sucesso. Considera-se que a investigação quantitativa acabou por desenvolver mais resultados relativamente à obtenção de mais conhecimento em relação ao ensino, mas como em qualquer tipo de investigação existem limitações.

No caso deste tipo de investigações, as limitações prendem-se com o facto do investigador, ao lidar com seres humanos, se poder deparar com dificuldade em controlar algumas das variáveis. Outro aspecto limitador é o instrumento que se pretende usar, cuja escolha deve ser criteriosa.

Quando é possível obter conclusões acerca da investigação verifica-se que estas terão que ser limitadas, dado que é sempre necessário verificar a sua validade, que pode ser externa e interna.

A validade externa diz respeito à generalização dos resultados. Simplificando pode-se dizer que vamos testar a sua efectividade no quadro daquela investigação contextualizada. Já a validade interna está mais relacionada com o controlo que o investigador possui sobre certas variáveis, como por exemplo a selecção da amostra, a vida adjacente a cada interveniente.

² Artigo publicado: Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em educação*. *Noesis* (18), 64-66.

Neste tipo de investigação é possível recolher-se dados relativos a uma grande população, tendo por base um grupo de questões verdadeiramente fiáveis e validadas. Normalmente, com o intuito de se organizar e/ou simplificar os dados recolhidos, recorre-se a métodos estatísticos.

No caso concreto do presente estudo pretende-se verificar as preferências das crianças aquando da escolha das áreas e para isso, depois dos dados estarem devidamente organizados, proceder-se-á a um tratamento quantitativo.

3.2. Estudo de Caso

“ Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do contexto da vida real” (Yin, 2005, p.32)

O estudo de caso é uma metodologia de investigação que incide sobre um fenómeno observado no meio natural, sendo esta uma das características mencionadas por Benbasat e tal (1989). Esse fenómeno é uma situação que se espera ser única e especial, de modo a desvendar aspectos mais relevantes na sua essência com vista a enriquecer as informações sobre um certo caso ou tema, tal como confirma Mektens (1998)³: *“é preciso preservar o carácter único, específico, diferente, complexo do caso.”* O termo “caso” é usado por Coutinho & Chaves (2002, p.224) que nos diz que quase tudo o que existe pode dar origem a um “caso”, desde que devidamente enquadrado, tem que ser identificado para posteriormente se puder conferir um foco e direcção para o prosseguir da investigação.

Neste tipo de estudo podem ser analisadas uma ou mais entidades e o investigador adquire os dados através do uso de diversas fontes e métodos de recolha, entre eles podemos referir a observação, entrevistas, questionários, registos de imagem e de áudio, entre outros.

O estudo de caso divide muitos autores em relação ao seu real e grande objectivo, sendo que todas as tentativas apresentadas acabam por se complementar e os autores Gomes, Flores & Jimenez (1998, p.99) sintetizaram todas as ideias dos outros autores e

³ In Coutinho & Chaves, 2002, p.224

referem que o grande objectivo deste tipo de estudo, é “*explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar*”. Assim, quando se realiza um estudo de caso, o investigador deve obedecer a estes processos com vista ao sucesso do seu estudo.

3.3.Contexto e amostra

O contexto pode ser considerado como o ambiente ou a realidade onde o estudo vai ser realizado e a amostra como a parte da população que vamos escolher como sendo parte representante de um todo. Para que isso possa acontecer, a amostra tem que ser bastante significativa. Um dos exemplos mais significativos são os CENSOS, que envolvem uma amostra gigantesca, pois é um estudo de grande dimensão e impacto. Com isto, pretendo chamar a atenção para que quanto maior dimensão tiver o estudo, maior deve ser a amostra, para que esta possa ser considerada como representativa na sua globalidade. A amostra escolhida é sempre representativa do tipo de estudo que queremos realizar e do seu intuito.

Uma coisa a ter em atenção é que, por vezes, as conclusões a que se chega podem ter impacto apenas naquele contexto em concreto, não podendo ser aplicáveis a outros contextos, o que depende muito do objectivo do estudo.

A selecção do contexto e da amostra foi-nos simplificada, pois desde início que tivemos a informação que a nossa investigação deveria ter como contexto o Jardim-de-Infância onde exercemos a nossa *Prática de Ensino Supervisionada II*. Isto facilitou muito o exercício do estudo de caso porque ao conhecer bem o contexto, mais rapidamente consegui escolher o tema para o meu estudo e, posteriormente, a recolha dos dados foi realizada com maior facilidade. A total disponibilidade, prontidão e liberdade que os educadores me deram, depois de lhes ter explicado o que iria fazer é outro aspecto que sublinho.

Inicialmente, para alvo do estudo ia-me cingir apenas à minha sala de actividades, mas como o objecto é transversal a todas as salas, pensei ser positivo alargar a base comparativa. Assim, a minha amostra passou a ser o conjunto total das crianças do Jardim de Infância, sendo possível, deste modo, conhecer e estudar as quatro salas de actividade existentes, tanto a nível da organização do espaço, porque cada sala reflecte as opções pedagógicas de cada educador e os interesses das crianças, como a nível de uma maior existência de dados acerca das preferências das áreas por parte das

crianças, que me permitem realizar uma comparação entre salas e a nível global do jardim. Para isso houve necessidade de construir uma grelha para registar os dados imprescindíveis para o estudo.

3.4.Trabalho empírico e cronograma

É importante traçar um plano de acção que nos permite calendarizar e organizar todos os passos que temos que realizar para o cumprimento do nosso estudo.

Para o meu estudo organizei um plano de acção⁴ que me foi guiando, mas tive a necessidade de realizar ajustes, tendo seguido a seguinte ordem de trabalho:

- a) Revisão da literatura e selecção d tema – Meses de Março, Abril e Maio
- b) Recolha de dados – Preferências das crianças – Mês de Abril
 - Caracterização do Jardim e de cada sala – Mês de Junho
- c) Manipulação mecânica dos dados – Mês de Junho
- d) Análise e interpretação dos dados recolhidos – Meses de Junho e Julho
- e) Elaboração do relatório – Meses de Junho e Julho

3.5.Instrumentos de recolha de dados

Antes de mais, para proceder à recolha dos dados, redigi um documento dirigido a todos os educadores⁵ do Jardim-de-Infância de Monserrate onde explico os objectivos do meu estudo, o que pretendo realizar e a pedir a respectiva autorização para a recolha dos dados. Este documento foi entregue à coordenadora, que redigiu um documento em resposta⁶, no qual me cedia autorização para a recolha de dados.

Para realizar a recolha de dados é necessário, de acordo com o objectivo que se pretende atingir e o tipo de dados, construir ou usar instrumentos para a sua recolha. Como é do conhecimento de toda a gente, cada instrumento tem uma função diferente, mas para um maior sucesso podemos combinar vários, isto vai permitir uma maior fiabilidade do estudo, pois vai-nos ajudar a reconhecer a verdadeira realidade, não nos escapando assim pormenores que podem ser importantes e fazer toda a

⁴ Baseado nas orientações dadas por Bogdan & Bikken (1994) e Bell (1997) e Yin (2005).

⁵ Ver anexo 2

⁶ Ver anexo 3

diferença. Todos os instrumentos visam dar importância ao processo que é realizado, com vista a obter um resultado final.

No caso concreto do meu estudo, recorri ao inquérito por entrevista aliado à construção de uma grelha e à observação participante para a qual criei uma ficha de identificação para o Jardim e para as salas e recorri, também, ao registo visual.

3.5.1. Inquérito por Entrevista

O grande objectivo que se pretende atingir com a realização de um inquérito é obter as informações necessárias, sendo que estas têm que poder ser analisadas para no final se poder fazer comparações ou retirar conclusões. A realização de um inquérito exige um universo de pessoas a inquirir, a que damos o nome de população, e espera-se que daí se extraia conclusões que se esperam ser espelho do todo.

O inquérito por entrevista permite que haja uma interacção directa entre duas pessoas, o entrevistador e o entrevistado, criando um momento de diálogo em busca das respostas que necessitamos, sempre apoiados em algum documento que nos permita tomar notas das mesmas, isto é precisamos de recorrer sempre a um outro método de investigação para assegurar que os dados não são perdidos.

No caso do meu estudo, era pertinente recorrer ao inquérito por entrevista, por duas razões: questionar crianças em idade pré-escolar que não sabem ainda ler e escrever e, por outro lado, ir à procura de uma resposta de cariz pessoal, porque questiono as crianças relativamente a gostos individuais, mais propriamente quanto à preferência de uma determinada área em detrimento de outra.

Numa entrevista, inicialmente, deve ser colocada uma questão que deixe o entrevistado informado sobre ao tema de modo a ajudar à criação de um ambiente mais propício ao diálogo, mas no meu caso existia já uma grande aproximação às crianças, visto que todos os dias estava em contacto directo com as mesmas e, por essa razão, o ambiente era sempre propício, existindo um grande à vontade.

3.5.2. Grelha

O grande objectivo pretendido com a construção da grelha⁷ era construir um instrumento de apoio à entrevista que me permitisse tomar nota das respostas das crianças. Foram construídas quatro grelhas, uma para cada sala de actividades.

Na primeira coluna coloca-se o nome da criança para melhor controlar a recolha de dados, prevenindo a possível ausência de alguma e registando, no dia em que estivessem presentes, as suas preferências.

Na 2ª coluna, era pedida a data de nascimento de cada criança, que me foi cedida pelos educadores, pois poderia correr o risco de alguma das crianças fazer anos entre a fase de recolha de dados e a sua análise, prejudicando a correcção dos mesmos. Tanto o nome como a data de nascimento só têm relevo para a melhor gestão da obtenção dos dados e para sua posterior análise. Na 3ª e 4ª coluna eram para registar as respostas das crianças.

3.5.3. Observação Participante

Ao fazer parte do contexto torna-se mais fácil a recolha dos dados, pois conhecemos melhor a realidade e desempenhamos a função de observadores participantes. Esta estratégia de recolha de dados permite usar e combinar vários tipos de instrumentos, tendo todos uma identificação com os objectivos da investigação.

Ao poder observar e participar pode-se recolher dados relativamente ao funcionamento e organização da instituição, neste caso um Jardim-de-Infância e outro tipo de dados mais relacionados com as opiniões e comportamentos. Na realização deste estudo, em concreto, combinou-se a observação participante com uma ficha de identificação do Jardim e de cada uma das respectivas salas e de registo visuais.

Nos instrumentos de identificação das salas, um dos aspectos que consta é a organização e utilização do espaço, através do desenho da planta da sala, sem ser à escala, o número de crianças e respectivas idades.

3.5.4. Ficha de identificação do Jardim e de cada uma das respectivas salas

A ficha de identificação do Jardim⁸ tinha como grande objectivo conhecer a localização do Jardim, a sua organização e gestão, as características do espaço físico tanto interior como exterior, os recursos humanos e materiais.

⁷ Ver anexo 4

⁸ Ver anexo 5

A ficha de identificação de cada sala⁹, permitia caracterizar de um modo geral cada grupo de crianças, o desenho da planta dos espaços da sala, bem como as áreas discriminadas e todo o material físico existente.

3.5.5. Registos Visuais

O único registo visual a que recorri foi à fotografia, para registar o espaço e organização de cada uma das salas e do Jardim, visto que através da fotografia conseguimos observar pormenores que nos podem falhar aquando do retiro de notas de campo ou do preenchimento das fichas de identificação e relembrar alguns aspectos que com o tempo poderiam ser descurados.

3.6. Análise de dados

Para a análise dos dados é necessário construir outros instrumentos que nos permitam apresenta-los de uma forma mais organizada e simplificada.

Comecei por elaborar textos cuidados que apresentam os aspectos que constavam das fichas de identificação, construí no *Microsoft PowerPoint* as plantas individuais de cada sala e juntei algumas fotografias. Só após a conclusão deste trabalho, comecei a criar os diversos gráficos de barras representativos dos dados referentes às preferências das crianças, os quais posteriormente analisei de modo a retirar conclusões que considero relevantes tendo em conta o intuito do meu estudo.

⁹ Ver anexo 6

CAPÍTULO IV – Apresentação e análise dos resultados

4.1.A nível geral do Jardim-de-Infância

4.1.1.Localização do jardim

O Jardim-de-Infância Nº2 de Monserrate foi construído de raiz em 1992/93 e é um dos Jardins-de-Infância do Centro Urbano da Cidade de Viana do Castelo. Situa-se na rua de Monserrate, integrando o estabelecimento de ensino do 1ºCiclo de Ensino Básico.

O jardim recebe crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo que no ano lectivo 2010/2011 estão a frequentá-lo 85 crianças.

4.1.2.Organização e gestão do Jardim

O Jardim-de-Infância Nº2 de Monserrate pertence ao Agrupamento de Escola do Atlântico. Deste agrupamento, também, fazem parte, a escola EB1 da Avenida, a Escola EB1 de Monserrate, a escola-sede EB 2,3 Dr. Pedro Barbosa, a escola EB1 do Meio-Areosa, a EB1 de Montedor-Carreço, o Jardim-de-infância do Meio-Areosa e o Jardim-de-infância de Montedor-Carreço, tendo como principal objectivo proporcionar aos alunos um percurso pré-escolar e de escolaridade básica sequencial e integrada, assim como uma visível melhoria qualitativa, quer na prestação de serviços à comunidade escolar quer nos níveis reais de sucesso dos alunos.

No ano lectivo 2010/2011, a coordenação do Jardim-de-Infância Nº2 de Monserrate, estava a cargo da educadora Graça Rocha, que era a minha educadora cooperante. O Jardim funciona com duas valências: as actividades curriculares do Jardim-de-Infância e o prolongamento de horário destinado às crianças cujos encarregados de educação não os podem ir buscar no horário normal. Assim, o horário de funcionamento do Jardim-de-Infância é o seguinte:

Tabela 2 - Horário de funcionamento do Jardim-de-Infância

Manhã	Acolhimento	8h30
	Início das actividades	9h
	Fim de actividades	12h
	Almoço	12h

Tarde	Início das actividades	13h30
	Fim das actividades	15h30
	Prolongamento	18 h

Este jardim possui parcerias com algumas colectividades, que participam nos projectos promovidos pelo agrupamento:

Ensino:

- Academia de Música de Viana do Castelo; Ancorensis – Cooperativa de Ensino; Escola Desportiva de Viana do Castelo; Escola Secundária de Monserrate; Esprominho – Escola Profissional do Minho e Instituto Politécnico de Viana do Castelo;

Instituições:

- Associação Industrial do Minho; Bombeiros Municipais; Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil; Câmara Municipal de Viana do Castelo; Centro Hospitalar do Alto Minho; Direcção Regional do Ambiente; Estaleiros Navais de Viana do Castelo; Ford Auto - Rabal; Governo Civil; Instituto Português da Juventude; Juntas de freguesia de Monserrate, Sta Maria Maior, Areosa e Carreço; Nautigás e Mármore Longarito; Polícia de Segurança Pública; Região de Turismo do Alto Minho; Resulima; PT; CPCJ e PEET.

4.1.3.Características do espaço físico (recreio - espaço exterior; interior)

Todo o recinto escolar é vedado, sendo que a entrada e saída das crianças se dá pelo portão da primária que se encontra aberto até às 9h da manhã para receber as crianças e depois dessa hora é fechado, tendo os encarregados de educação que tocar na respectiva campainha. É novamente aberto às 15h30 para que os encarregados de educação possam ir buscar os seus educandos. Com estas medidas criou-se um ambiente de maior segurança.

Quem entra no Jardim, depara-se com um *hall* de entrada, tendo do seu lado direito a biblioteca infantil e duas casas de banho comuns a todas as crianças sem distinção entre meninos e meninas, sendo que uma delas é usada pelas salas 1 e 4 e a outra pelas salas 2 e 3.

No lado esquerdo do *hall* de entrada encontra 3 salas de actividades, sendo cada uma orientada por um educador apoiado de uma auxiliar e a porta que dá acesso ao ateliê dos tempos livres.

No lado direito do *hall* de entrada, existe a sala das ciências, o ginásio que não é de grande dimensões mas que está devidamente equipado com material para sessões de motricidade como equipamentos, televisão, leitor de dvd e cd e rádio. Neste lado do edifício do jardim fica mais uma das salas de actividades, outro corredor de acesso ao outro ateliê dos tempos livres, a casa de banho dos adultos equipada com chuveiro, uma arrecadação, a cantina que possui frigorífico, microondas, placa e carro de transporte da loiça e o gabinete dos docentes, que serve para realizar as reuniões, atendimento dos encarregados de educação.

Na parte exterior do edifício, existe um amplo espaço cimentado, onde existe um tanque com areia, um complexo com dois baloiços, um escorrega e estruturas com cordas e para além disso, um pequeno jardim criado em homenagem à Educadora Daniela, que trabalhou naquele estabelecimento e deixou um grande legado e por fim existe a horta biológica, que de início se encontrava ao abandono, mas depois passou a ser cultivada e um relvado, na parte de trás do jardim.

O espaço do recreio é usado somente quando as condições meteorológicas o permitem, uma vez que não é coberto, existindo apenas um pequeno resguardo que

permite ir desde o portão até à entrada do jardim, nos dias em que estão condições meteorológicas adversas, sem que as crianças e respectivos encarregados se molhem. No anexo 4, juntamente com a ficha de identificação do Jardim encontram-se fotografias do Jardim-de-Infância.

4.1.4. Recursos Humanos

Em todas as salas de actividades existe um educador responsável, sendo que na:

- Sala 1 a responsável era a educadora Goretti Pinto que foi substituída pela educadora Maria Graciosa Gonçalves;
- Sala 2 o responsável era o educador José António Antunes Araújo;
- Sala 3 a responsável é a educadora Maria da Graça Ferreira da Rocha;
- Sala 4 a responsável é a educadora Maria da Graça Rodrigues Cavaleiro.

Para além destes profissionais, no Jardim conta-se ainda com o apoio de 7 Assistentes Operacionais, sendo elas: Ana Maria Correia, Ana Maria Moreira, Lúcia Isabel Cerqueira, Maria José Novo, Cláudia Isabel Lima, Maria Isabel Araújo e Regina Vieira Silva, sendo que as últimas três estão como animadoras do prolongamento e as restantes quatro como auxiliar.

4.1.5. Recursos materiais

A nível dos recursos materiais, em cada sala existem diferentes áreas de actividades, com diversos equipamentos e materiais adequados ao desenvolvimento das crianças da faixa etária em questão. Na área dos jogos de mesa existem jogos de encaixe, *puzzles*, blocos lógicos, ábacos e material Cuisenaire, jogos de sequência de acontecimentos, de correspondência, de encaixe, de enfiamentos e dominós, os quais podem ser realizados individualmente ou em grupo.

Na *Área da Pintura, dos Projectos* (existente apenas na sala 3), do *Desenho, da Modelagem e da Colagem* existem folhas de desenho e outras para a colagem e pintura, lápis, cola, afixadores, marcadores de todas as cores, pincéis, tintas, batas, plasticina, as bases e outros materiais essenciais.

Na *área da casa* para além de mobílias e electrodomésticos em madeira (camas, cómodas, guarda-vestidos, mesas, cadeiras, fogão, forno), pode-se encontrar utensílios

de cozinha (panelas, copos, pratos, talheres) e diversos adereços (roupas, sapatos, malas).

Na *área dos jogos de chão e construção* existem legos de vários tamanhos, formas e cores, cubos de madeira, muitos carrinhos grandes e pequenos, pistas para carros e animais em borracha de vários tamanhos. Nas salas encontram-se balanças e instrumentos musicais, tais como pandeiretas, guizos e clavas.

Na *Área do Computador* existem um computador, no qual as crianças podem colocar um dos variados cd's com jogos didácticos, por sinal muito interessantes.

Na *área do quadro*, para além do próprio, existe uma caixa com giz de várias cores e um apagador.

Na *Área da Biblioteca* estão disponíveis livros acerca de várias temáticas, sobre o corpo humano e os animais, livros de contos, dicionários de imagens e enciclopédias. Um aspecto a referir, é que nem todos os livros estão à mercê das crianças.

Na sala 3, existem mais três áreas: *a área da costura, da escrita e da água*, que tem materiais como agulhas sem ponta, linhas, cartões, jogos magnéticos com as letras do abecedário ou letra em feltro, um recipiente com água, funis, garrafas e formas de brincar.

Cada sala tem, para além do que foi mencionado, uma máquina fotográfica do educador. Para além do material de cada sala, existe no Jardim-de-Infância:

- 1 Televisor
- 1 Vídeo
- 1 Leitor de DVD
- 1 Retroprojector
- 1 Aparelhagem de som
- 1 Fotocopiadora
- 1 Impressora
- 1 Fax
- 1 Telefone
- 3 Computadores (sendo dois deles portáteis)
- Material didáctico de apoio às ciências e expressão musical;
- Material de apoio a motricidade muito diversificado;

4.1.6. Preferência das crianças e Interpretação dos resultados

Como se verificou nem todas as salas têm o mesmo número de áreas, por isso para tirar conclusões acerca das preferências das crianças a nível global do Jardim, achei por bem apenas considerar os dados relativos às áreas comuns existentes nas quatro salas de actividades.

4.1.6.1. Área Preferida

Através da análise da tabela 3, que se refere à área preferida, podemos aferir que a área mais vezes referida pelas crianças foi a *casinha* (24), a seguir aparecem empatadas a *área dos jogos do chão* (20) e de *mesa* (20). Em seguida, o *desenho* (8), o *computador* (6), a *biblioteca* (3), a *pintura* (2), a *colagem* (1) e a *modelagem* (1). Neste caso, a única área que nunca foi referida é a *área do quadro*. Isto acontece, a meu ver devido ao facto das crianças associarem o quadro à escola. Para eles o quadro representa o território onde o educador deve escrever. Por outro lado, dão preferência a áreas com actividades que lhes permitam desenvolver as capacidades cognitivas e a interacção social.

Tabela 3 - Área preferida a nível do Jardim

	Área Preferida				
	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Total
Biblioteca	1	0	0	2	3
Casinha	7	9	2	6	24
Colagem	0	0	0	1	1
Computador	0	1	2	3	6
Desenho	1	2	1	4	8
Jogos de chão	2	8	7	3	20
Jogos de mesa	4	3	11	2	20
Modelagem	0	0	0	1	1
Pintura	0	0	0	2	2
Quadro	0	0	0	0	0

4.1.6.1. Área Menos Preferida

Tabela 4 - Área Menos Preferida a nível do Jardim

	Área Menos Preferida				
	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Sala 4	Total
Biblioteca	2	0	3	0	5
Casinha	2	9	3	3	16
Colagem	1	0	10	7	18
Computador	0	0	0	0	0
Desenho	4	0	1	5	10
Jogos de chão	4	5	3	2	14
Jogos de mesa	2	8	1	5	16
Modelagem	0	0	0	0	0
Pintura	0	1	2	1	4
Quadro	0	0	0	0	0

Através da análise da tabela 4, que se refere à área menos preferida por parte das crianças, encontramos no topo da lista a *área da colagem* (18), seguida das *áreas da casinha* (16) e dos *jogos de mesa* (16) que estão com o mesmo número de referências. Depois encontramos a *área dos jogos de chão* (14), a *área do desenho* (10), a *área da biblioteca* (5) e da *pintura* (4). Neste caso, as áreas da modelagem, do quadro e do computador nunca foram referidas por nenhuma criança. A colagem é uma actividade que quase nenhuma criança em casa realiza, porque os pais têm receio que com a cola possam estragar algumas coisas. É muito frequente ouvir esta justificação, mas por vezes com a colocação de uma toalha de plástico a actividade poderia decorrer. Como é algo que são privados de fazer, no Jardim-de-Infância vão tender a não escolher, com receio de serem repreendidos, mas aqui entra o educador, que deve tentar inverter estas situações, tentando implementar actividades variadas e interessantes neste âmbito.

4.2. A nível de cada sala de actividades

A nível dos dados referentes à idade, todos têm como ponto de referência o dia 15 de Junho de 2011. Seguem em anexo, as respectivas fichas de identificação de cada sala preenchidas¹⁰, onde constam todos os dados aqui presentes, como as plantas das salas. Após cada ficha seguem algumas fotografias das respectivas salas de actividades. Podem encontrar, também, em anexo as grelhas preenchidas¹¹, mas foi-me pedido por parte da coordenadora do Jardim para manter o anonimato das crianças, assim sendo retirei a primeira coluna da tabela, respectiva aos nomes das crianças e substitui-a por uma identificativa da idade.

4.2.1. Sala de Actividades 1

4.2.1.1. Caracterização geral do grupo

O grupo é composto por 15 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos (gráfico 1), sendo 4 do sexo masculino e 11 do sexo feminino (gráfico 2).

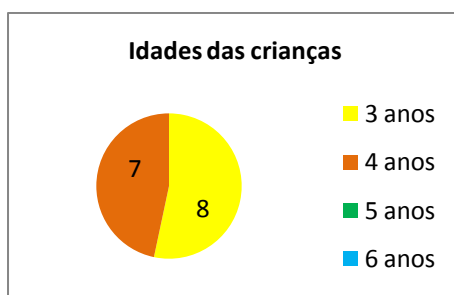


Gráfico 1 - Idade das crianças da sala

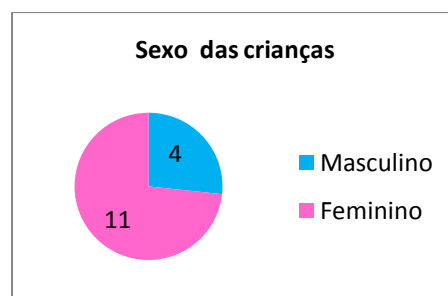


Gráfico 2 - Sexo das crianças da sala 1

¹⁰ Ver anexo 7

¹¹ Ver anexo 8

4.2.1.2. Caracterização da sala de actividades

A sala 1 é uma sala que recebe muita luz natural, tendo uma porta e janelas para o exterior, neste caso para o recreio frontal. Possui muitos armários, que são usados para a arrumação dos materiais, todos eles situados na periferia da sala, encontrando-se ao centro da sala a mesa grande. Para além dos armários, tem um lavatório e ecopontos.

Podemos encontrar as áreas: *biblioteca, casinha, colagem, computador, desenho, jogos de chão, jogos de mesa, modelagem, pintura e quadro*, todas elas muito bem equipadas.

As áreas do computador, biblioteca, jogos de chão, o quadro e casinha têm espaços individuais. O desenrolar de actividades das outras áreas é feito na mesa central.

4.2.1.3. Preferências das crianças

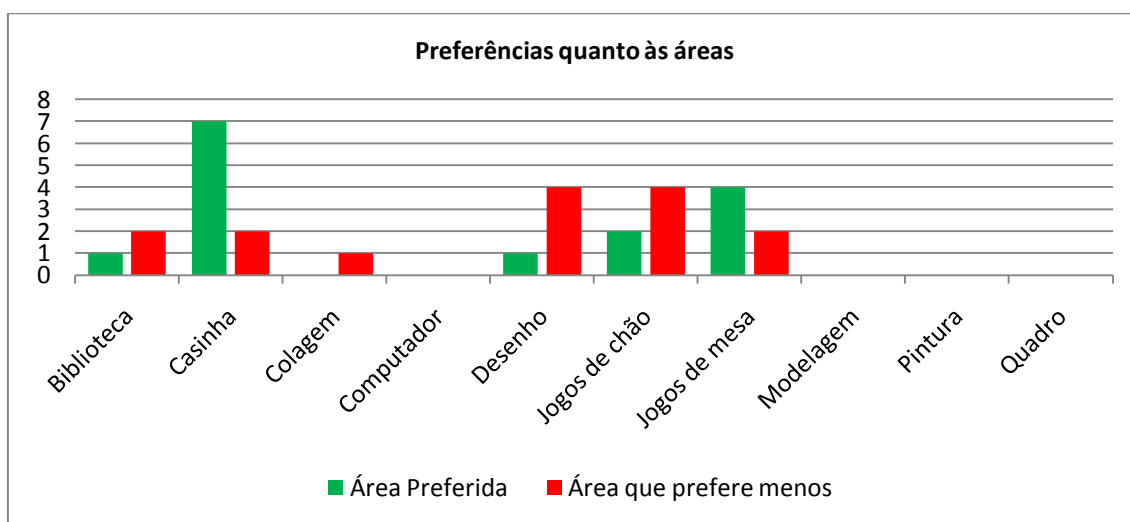


Gráfico 3 - Preferências quanto às áreas - Sala 1

4.2.1.4. Interpretação dos resultados

Na sala de actividades 1 podemos verificar que a casinha foi a área que agradou a um maior número de crianças, neste caso sete. Em segundo lugar estão os jogos de mesa apontados por quatro crianças, seguido dos jogos do chão que foram referidos por duas crianças e, por fim, houve uma criança que a referiu a biblioteca e outra o desenho.

Um factor que pode ter influenciado este resultado, pode ter a ver com a constituição do grupo, pois maioritariamente é constituído por raparigas. No que diz respeito, às áreas menos preferidas, essa escolha está relacionada com as idades das crianças. As que estão nesta sala têm entre 3 e 4 anos, e nestas idades procuram actividades mais lúdicas, actividades em que possam brincar.

Já tendo em conta as áreas que as crianças preferem menos, quatro apontaram o desenho e outras quatro crianças os jogos de chão. Em seguida, aparecem a biblioteca, a casinha e os jogos de mesa sendo que cada uma foi referida por apenas uma criança e, por fim, a colagem com uma referência também.

Tabela 5 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 1

	Área Preferida	Área que prefere menos
Biblioteca	1	2
Casinha	7	2
Colagem	0	1
Computador	0	0
Desenho	1	4
Jogos de chão	2	4
Jogos de mesa	4	2
Modelagem	0	0
Pintura	0	0
Quadro	0	0

4.2.2. Sala de Actividades 2

4.2.2.1. Caracterização geral do grupo

O grupo é composto por 23 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos (gráfico 4), sendo 10 do sexo masculino e 13 do sexo feminino (gráfico 5).

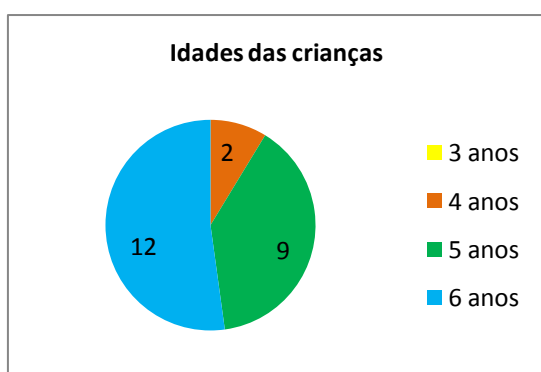


Gráfico 4 - Idade das crianças da sala 2

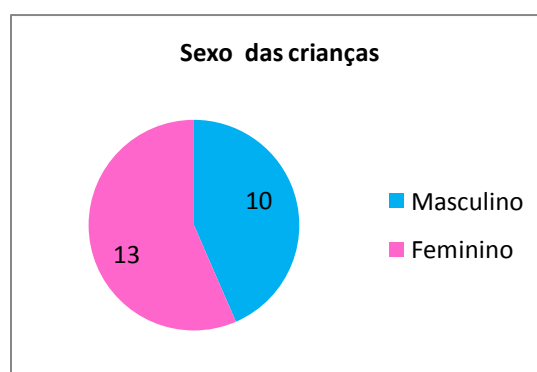


Gráfico 5 - Sexo das crianças da sala 2

4.2.2.2. Caracterização da sala de actividades

A sala 2 é uma sala que apresenta bastante luminosidade, tendo uma porta e janelas para o exterior, neste caso para o recreio frontal e para o lado onde existem a areia. Possui bastantes armários, que são usados para a arrumação dos materiais, todos eles situados na periferia da sala, encontrando-se ao centro da sala a mesa grande, em forma de rectângulo. Para além dos armários, tem um lavatório e ecopontos.

Nesta sala existia uma tabela onde as crianças escolhiam a área para onde queriam ir e que definem o número máximo de crianças que determinada área suporta, mas nessa tabela não contempla a biblioteca, mas as crianças tinham acesso a livros.

Tabela 6 - Número máximo de crianças por área

Áreas	Casinha	Colagem	Computador	Desenho	Jogos de chão
Nº de lugares	2	4	2	4	2
Áreas	Modelagem	Pintura	Quadro	Jogos de mesa	
Nº de lugares	2	2	2	4	

Podemos encontrar as áreas: *biblioteca, casinha, colagem, computador, desenho, jogos de chão, jogos de mesa, modelagem, pintura e quadro*, todas elas muito bem equipadas. As áreas do computador, jogos de chão, o quadro e casinha têm espaços individuais. O desenrolar de actividades das outras áreas é feito na mesa grande.

4.2.2.3. Preferências das crianças

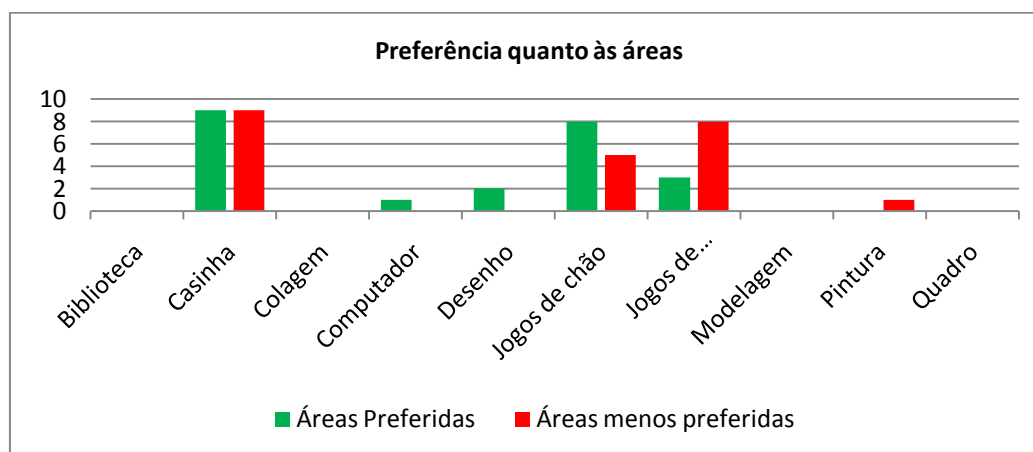


Gráfico 6 - Preferências quanto às áreas - Sala 2

4.2.2.4. Interpretação dos resultados

Na sala de actividades 2, a área favorita é a casinha, referenciada por nove crianças, sendo que logo a seguir aparecem os jogos de chão que foram apontados por oito crianças. Seguem-se os jogos de mesa referidos três vezes, o desenho referido duas vezes e o computador referido apenas uma vez. Já a nível das áreas menos apetecidas, aparece no topo a casinha com nove referências, depois com oito aparece os jogos de mesa. Depois destas aparecem os jogos do chão apontados por cinco crianças e a pintura por uma. Existe aqui um dado interessante, o facto da casinha, como vimos, ser apontada tanto como área favorita, como área menos preferida. Dada a heterogeneidade do grupo torna-se difícil explicar estes comportamentos.

Tabela 7 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 2

	Área Preferida	Área que prefere menos
Biblioteca	0	0
Casinha	9	9
Colagem	0	0
Computador	1	0
Desenho	2	0
Jogos de chão	8	5
Jogos de mesa	3	8
Modelagem	0	0
Pintura	0	1
Quadro	0	0

4.2.3. Sala de Actividades 3

4.2.3.1. Caracterização geral do grupo

O grupo é composto por 23 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos (gráfico 7), sendo 12 do sexo masculino e 11 do sexo feminino (gráfico 8).

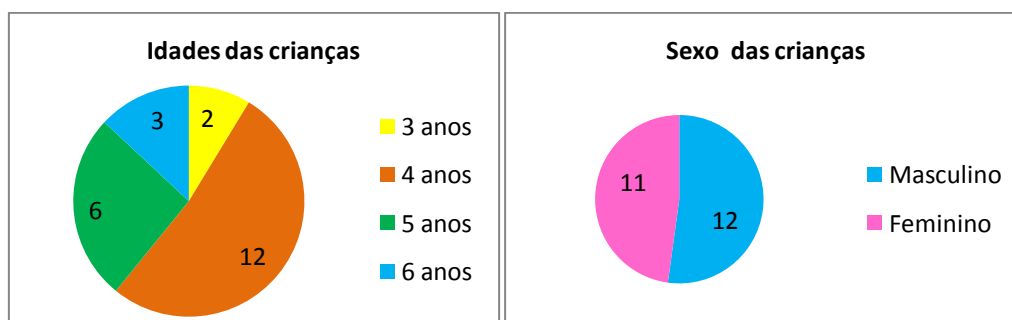


Gráfico 7 - Idade das crianças da sala 3

Gráfico 8 - Sexo das crianças da sala 3

4.2.3.2. Caracterização da sala de actividades

A sala 3 é uma sala que recebe muita luz natural, tendo porta e janelas para o Jardim e a horta. Possui muitos armários, que são usados para a arrumação dos materiais, todos eles situados na periferia da sala, encontrando-se ao centro da sala a mesa grande, à semelhança das salas anteriores. Para além dos armários, tem um lavatório e ecopontos. Esta sala tem a particularidade de ter uma pequena sala anexada à sala principal, o que confere mais espaço.

Temos mais áreas que nas outras salas, o que partiu do interesse que as crianças mostraram e que o educador acabou por agarrar. Assim, as áreas desta sala são: *água, biblioteca, casinha, colagem, computador, costura, desenho, escrita, jogos de chão, jogos de mesa, modelagem, pintura, projecto e quadro*, todas elas muito bem equipadas.

As áreas da *água, biblioteca, casinha, computador, escrita, jogos de chão, jogos de mesa, pintura, projectos e quadro* têm espaços individuais. Mas, nesta sala acontece que a mesa grande está dividida em quatro espaços, um para cada área (que não citei anteriormente): *área da colagem, costura, desenho e modelagem*.

Nesta sala existe também uma tabela, que define o número máximo de crianças que determinada área suporta, sendo que para a preencherem as crianças colocam a fotografia na área para onde querem ir.

Tabela 8 - Número máximo de crianças por área

Áreas	Água	Biblioteca	Casinha	Colagem	Computador	Costura	Desenho
Nº de lugares	2	2	3	8	2	2	7
Áreas	Escrita	Jogos de chão	Jogos de mesa	Modelagem	Pintura	Projecto	Quadro
Nº de lugares	2	4	4	3	5	7	2

4.2.3.3. Preferências das crianças

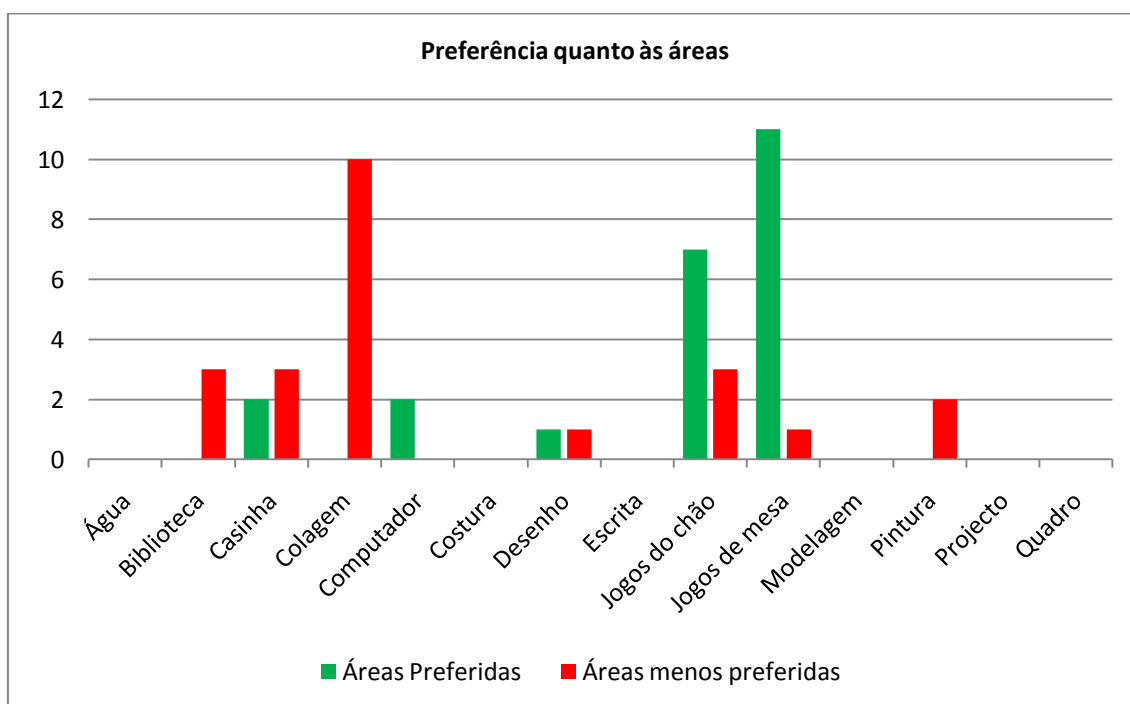


Gráfico 9 - Preferência quanto às áreas - Sala 3

4.2.3.4. Interpretação dos resultados

Na sala de actividades 3, a área favorita são os jogos de mesa que foram apontados por onze crianças. De seguida aparecem os jogos de chão com sete, o computador e a casinha, ambos referidos por duas crianças e por fim o desenho, que uma criança referiu. No que se refere à área menos preferida, dez das crianças apontaram a colagem. De seguida, com três referências cada uma, aparece a área da biblioteca, casinha, jogos do chão, seguido da pintura com duas, a área do desenho com uma, tal como os jogos de mesa. A minha *Prática de Ensino Supervisionada*, foi realizada com o grupo desta sala o que faz com que conheça bastante bem a turma e que estes resultados não me surpreendam. Aquando da escolha das áreas, diariamente, via-se que as crianças evitavam mesmo escolher a área da colagem, tendo que ser eu, o meu par de estágio e a educadora por vezes, a mediar estas situações, pois o nosso grande objectivo é que as crianças explorem todas as áreas. Por outro lado, tudo o que se relaciona com jogos, atrai imenso o grupo pois são áreas que lhes permitem interagir,

estando assim a desenvolver as suas capacidades cognitivas. Estas áreas têm um número muito restrito de crianças, mas todos os dias estão cheias e existem crianças que tendem a escolher essas áreas, e aí entramos novamente em acção, para que todas as crianças tenham oportunidade de usufruir das mesmas.

Tabela 9 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 3

	Área Preferida	Área que prefere menos
Água	0	0
Biblioteca	0	3
Casinha	2	3
Colagem	0	10
Computador	2	0
Costura	0	0
Desenho	1	1
Escrita	0	0
Jogos de chão	7	3
Jogos de mesa	11	1
Modelagem	0	0
Pintura	0	2
Projecto	0	0
Quadro	0	0

4.2.4. Sala de Actividades 4

4.2.4.1. Caracterização geral do grupo

O grupo é composto por 24 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos (gráfico 10), sendo 11 do sexo masculino e 13 do sexo feminino (gráfico 11).

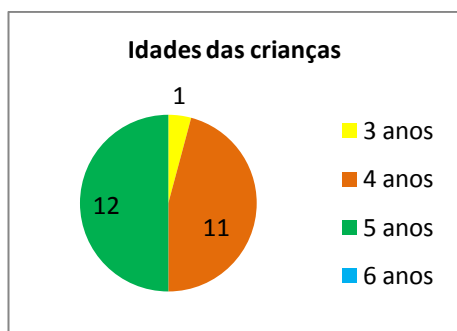


Gráfico 10 - Idade das crianças da sala 4

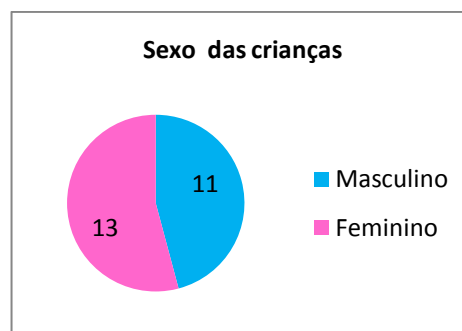


Gráfico 11 - Sexo das crianças – sala 4

4.2.4.2. Caracterização da sala de actividades

A sala 4 é uma sala que recebe menos luz natural, tendo uma porta e janelas para o exterior, neste caso para o relvado traseiro do Jardim. Possui muitos armários, que são usados para a arrumação dos materiais, todos situados na periferia da sala, encontrando-se ao centro da sala a mesa grande. Para além dos armários, tem um lavatório, ecopontos, bancos e um cavalete.

Podemos encontrar as áreas: *biblioteca, casinha, colagem, computador, desenho, jogos de chão, jogos de mesa, modelagem, pintura e quadro*, que apresentam bons equipamentos.

As áreas do computador, jogos de chão, jogos de mesa, o quadro e casinha têm espaços individuais. As restantes actividades desenrolam-se na mesa grande, excepto a pintura, pois para esta área existe um cavalete de pintura. Quando a educadora quer contar uma história, por exemplo, as crianças sentam-se nos bancos existentes na área dos jogos de chão e de mesa.

4.2.4.3. Preferências das crianças

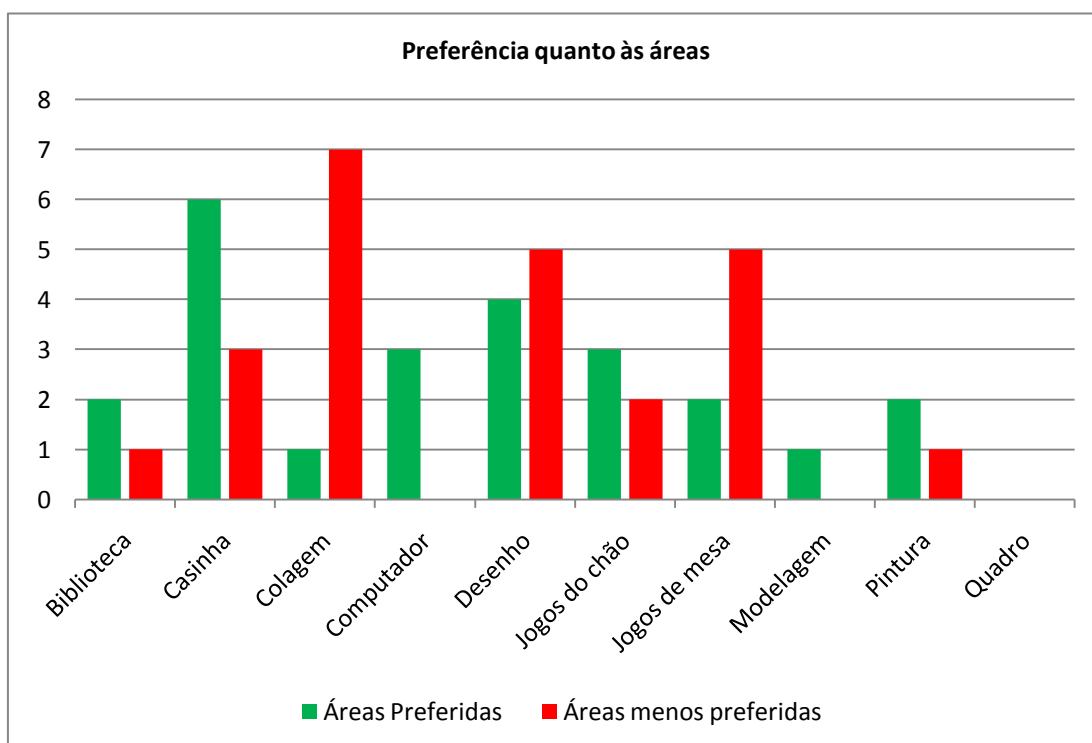


Gráfico 12 - Preferências quanto às áreas - Sala 4

4.2.4.4. Interpretação dos resultados

Na sala de actividades 4, as escolhas estão mais divididas, sendo que a área preferida é a casinha, referida por seis crianças. Após esta, segue-se o desenho com quatro e o computador e os jogos de chão com três referências cada. Seguidamente, aparece-nos a biblioteca, os jogos da mesa e a pintura que foram apontadas por duas crianças cada e por fim a colagem e a modelagem, ambas com uma referência.

No que diz respeito às áreas que as crianças preferem menos, as escolhas também estão muito divididas, mas com sete referências a colagem é apontada como a área que mais crianças não gostam. Logo a seguir, ambas com cinco, aparece o desenho e os jogos de mesa, seguidos da casinha com três, os jogos de chão com duas e a pintura com uma. O gosto pelo faz de conta nota-se muito neste grupo, que apresenta uma necessidade de se expressar e, para isso, recorre ao desenho e à casinha. Não optam tanto pela colagem e pela modelagem, porque a meu ver são actividades que em casa os pais não os deixam fazer, logo no Jardim isso vai-se reflectir. Já em relação à pintura, um factor que pode influenciar o facto de poucas crianças referirem a mesma, é a dimensão do espaço para se realizar pinturas, pois apenas existe um cavalete destinado para tal actividade.

Tabela 10 - Dados relativos à preferência das áreas - Sala 4

	Área Preferida	Área que prefere menos
Biblioteca	2	0
Casinha	6	3
Colagem	1	7
Computador	3	0
Desenho	4	5
Jogos de chão	3	2
Jogos de mesa	2	5
Modelagem	1	0
Pintura	2	1
Quadro	0	0

CAPÍTULO V – Conclusão

O Jardim-de-Infância tem ganho cada vez mais importância na nossa sociedade, pois com o passar dos tempos os pais passaram a trabalhar e a terem a necessidade de encontrar um local onde possam deixar os seus educandos durante o dia, que seja agradável e que esteja bem organizado a nível de espaço da sala de actividades. Para além disso, é importante que as crianças gostem de lá estar, que o jardim lhes proporcione um saudável crescimento, recheado de novas conquistas, de actividades fascinantes e diversas. Assim, neste relatório resolvi desenvolver uma temática pela qual tenho grande interesse e que considero importante na prática pedagógica de todos os educadores, que é a importância da organização do espaço da sala de actividades por áreas, antigamente apelidados de “*cantinhos*”.

Num Jardim-de-infância, as salas normalmente estão organizadas por áreas de interesse, que reflectem as apostas didácticas de cada educador. Cada educador tem plena liberdade de organizar a sua sala como pretende, e com o iniciar das actividades lectivas, ao passar a conhecer os gostos e interesses dos seus alunos, pode e deve tentar ir ao encontro dos mesmos, modificando ou aumentando áreas na sala. Muitos autores defendem que as áreas não são estanques.

O educador deve proporcionar ao seu grupo de crianças o maior número possível de experiências e vivências que sejam significativas e posteriormente se traduzam em novas aprendizagens e aquisição de novos conhecimentos por parte das crianças, sendo que as áreas potencializam o desenvolvimento social e cognitivo, para além da aprendizagem colaborativa, o senso de partilha e o espírito de equipa.

A criança tem, hoje em dia, um papel activo na construção do seu saber, sentindo a necessidade de querer saber mais e de questionar, de ser agente activo na busca de novos conhecimentos. Assim, o trabalho realizado pelo educador deve de ir ao encontro desta nova necessidade.

Uma das coisas que é importante que o educador conheça é os interesses do seu grupo de crianças. Neste relatório acabei por estudar a realidade do Jardim-de-Infância de Monserrate, em Viana do Castelo, local onde tive ocasião de estagiar.

Procurei saber quais as áreas preferidas e aquelas que as crianças menos apreciam e pude concluir que de sala para sala os gostos variam muito. Pude concluir que a área

da casinha foi a área apontada como preferida na sala de actividades 1, 2 e 4. Já na sala de actividades 3 a área preferida pelas crianças é a área dos jogos de mesa. Relativamente, à área que as crianças menos preferem não se verifica um consenso, pois na sala 1 são as áreas do desenho e dos jogos de chão, na sala 2 é a área da casinha e nas salas 3 e 4 é a colagem. Por fim, achei interessante verificar a nível global do Jardim: no que se refere à área preferida, as mais referidas foram a casinha, os jogos do chão e jogos de mesa, que representam 64 das respostas dadas pelas crianças inquiridas, que eram 85 no total. No que se refere à área menos preferida, no topo encontramos a colagem, casinha e jogos de mesa que representam 50 respostas. Estes resultados aplicam-se apenas a este contexto, não podendo ser generalizados para outros, pois neste estudo o factor mais importante são os interesses individuais de cada criança, e cada criança é um ser único e diferente.

Em suma, consegui cumprir todos os objectivos que tracei, apresentando um relatório que esclarece e simplifica muitas ideias que são extremamente importantes e que eu como futura educadora, juntamente com os meus colegas, devo reter durante toda a nossa prática profissional. Ao mesmo tempo, é um instrumento que fornece dados importantes aos educadores do contexto estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benbasat, I. & Goldstein, D.k. & Mead, M. (1987). *The Case Research Strategy in Studies of Information Systems*, pp. 369-386. MIS Quarterly.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Coutinho, C. & Chaves, C. (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. In “Revista Portuguesa de Educação”, 15(1), pp. 221-244. Braga: CIED - Universidade do Minho.
- Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em educação*. In “Noesis” (18), pp. 64-66. Acedido em 1 de Julho, 2011, [URL: www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/Fernandes.pdf].
- Filgueiras, M. (2010). *O Espaço e o seu impacto educativo: auaais as principais características da gestão e organização do espaço sala em Educação Infantil*. Lisboa: Universidade Aberta. Acedido em 25 de Junho, 2011, [URL: <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/1575/1/Marta%20Filgueiras.pdf>].
- Freinet, C.(1973). *Para uma escola do povo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fulghum, R. (1992). *Tudo o que eu devia saber na vida aprendi no Jardim de Infância*. São Paulo: Editora Best Seller. (3ª Edição). Acedido em 25 de Junho, 2011, de [URL: <http://pt.scribd.com/doc/6664708/Tudo-Que-Eu-Devia-Saber-Aprendi-No-JardimDeInfancia-Robert-Fulghum>].
- Gomez, G. & Flores, J. & Jimenez, E. (1996). *Metodologia de la Investigacion Cualitativa*, pp. 378 Malaga: Ediciones Aljibe.
- Hohmann, Mary & Banet, B. & Weikart, D. P. 1995). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª Edição).
- Oliveira-Formosinho, J. (org.) (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora (3ª edição actualizada, 2007).
- *Projecto Educativo do Agrupamento do Atlântico*. Acedido em 3 de Julho, 2011, [URL: http://www.escolasdoatlantico.pt/lmgps/pages/2%20Projecto%20Educativo/projecto-educativo_09_13.pdf].

- *Regulamento Interno do Agrupamento do Atlântico*. Acedido em 3 de Julho, 2011, [URL: http://www.escolasdoatlantico.pt/lmg/pages/3%20Regulamento%20Interno/ria_outubro_2010.pdf].
- Santos, João. (1983). *Ensaio sobre Educação II. O Falar das Letras*. Livros Horizonte.
- Spodek, B. (Org.) (2002). *Manual de investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vygotsky, L. (2000). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso - Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Zabalza, Miguel António (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Zamberlan, M. & Basani, S. *Organização do espaço e qualidade de vida: Pesquisa sobre configuração espacial em uma instituição de Educação infantil*. Acedido em 25 de Julho, 2011, [URL: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/PA-328-TC.pdf>].

ANEXOS

Anexo 1 – Importância e organização de cada área

Área dos blocos

Esta área deve ser espaçosa e estar bem apetrechada, pois é uma das áreas que mais atrai as crianças, pelo facto de se poderem usar de variadas formas, trabalhando questões relacionadas com os problemas espaciais e estruturais de equilíbrio e limitação do espaço. Nesta área, as crianças recorrem, a blocos, figuras, animais, legos, isto é, a objectos que servem para construir, encaixar e desencaixar, encher e esvaziar e para simular. Este tipo de actividades permite que as crianças possam explorar e construir sozinhas ou em pares, promovendo o convívio social e uma aprendizagem colaborativa e interactiva. Todos os materiais devem estar ao alcance das crianças e devidamente identificados.

Área da casa

É nesta área que as crianças em idade pré-escolar têm a oportunidade de simular e desempenhar papéis, podendo exprimir sentimentos e ideias, desenvolver a sua criatividade e enriquecer a linguagem oral através da representação de cenas do quotidiano. Esta área proporciona o desenvolvimento de brincadeiras simbólicas.

Nesta área devem existir utensílios culinários a serem usados em verdadeiras actividades de cariz culinário, como batedeira, chapa eléctrica, formas, mas que não devem de estar ao alcance das crianças. Para além destes, existem aqueles materiais que vão ajudar no jogo dramático, que deverão estar ao alcance de todas as crianças: roupas, acessórios (malas, sapatos, chapéus, lenços, jóias, toalhas ...), os utensílios de cozinha “a brincar” (talheres, copos, pratos, tigelas, vassoura...), mobiliário (mesas, cadeiras, camas, armários, ...), electrodomésticos (ferro de passar, aspirador, fogão ...), alimentos em plástico, entre outros objectos.

Área da expressão plástica

É através da realização de actividades plásticas, que as crianças têm a oportunidade de se exprimirem sem recorrer a palavras, isto é, de *“representar coisas que fizeram, viram e imaginaram”* (Hohmann, 1995, p. 60).

Nestas áreas encontramos materiais como tintas, plasticina, cola, papel, tesouras, caixas, cordéis, lápis de cor e marcadores, entre outros. Ao criar uma área de expressão plástica na sua sala de actividades, o educador deve localizá-la perto de um lugar onde exista água, como um lavatório e o chão, dada a propensão das crianças para, nas suas explorações cognitivas, entornarem as tintas.

Esta área necessita de um grande espaço de trabalho e da existência de uma zona para colocar e exhibir com bibes. Todos os materiais semelhantes devem estar arrumados e devidamente identificados. As folhas podem estar numa prateleira e os artigos como tesouras e lápis devem estar arrumados em bolsas de plástico ou copos.

Área de actividades repousantes

Muitos educadores dão a esta área outras denominações, como *área dos jogos e livros*. Estas áreas estão apetrechadas com livros, *puzzles*, jogos e materiais de manipulação em que as crianças podem realizar as actividades de forma individual ou colectiva.

Segundo Homann (1995, p.64), algumas crianças gostam de permanecer nesta área, porque a aprendizagem se vai desenvolvendo pela repetição de esquemas motores cada vez mais complexos, o que sucede com os *puzzles*, em que uma criança que consegue montar um puzzle com “x” peças vai voltar a tentar fazê-lo antes de enfrentar um novo desafio: um *puzzle* com mais peças. Este tipo de áreas, devem ser localizadas o mais afastado possível de áreas mais barulhentas, porque o tipo de actividades que se realizam exige alguma concentração. Os livros e *puzzles* devem estar colocados em estantes baixas e deve existir no chão uma carpete, ou como muitos educadores têm feito, colocar um colchão ou almofadas de modo a tornar o espaço convidativo.

Área das construções

Numa área deste tipo, o educador deve proporcionar às crianças a utilização de madeira e ferramentas verdadeiras. Mas para a construção desta área, é necessário um espaço longe da passagem e uma superfície de trabalho que seja resistente e com lugar para arrumação. A superfície de trabalho deve comportar até quatro crianças, e pode-se adquirir através de catálogos, apesar de normalmente serem bastante caras. O educador pode optar por construir uma área por sua iniciativa usando, para tal, apenas tábuas de madeira, cavaletes e troncos.

Área da música e movimento

Estas áreas oferecem às crianças *“a oportunidade de experimentar e apreciar as capacidades rítmicas e musicais que são a base de posteriores expressões musicais e rítmicas mais complexas”* (Homann, 1995, p.69). Aqui podem criar-se sons, ritmos e movimentos usando instrumentos que exploram as características dos sons.

Esta área deveria estar apetrechada de um rádio, cd's com músicas, microfones e instrumentos musicais, como triângulos, pandeiretas, maracas, clavas, xilofones, tambores, entre outros. Todos estes objectos devem estar arrumados em locais que fiquem ao alcance das crianças.

Área da água e da areia

Nestas idades, gosta-se de brincar com a água e areia, pois estes materiais permitem que a criança faça novas experiências e descubra novos conceitos, como o de textura, quantidade e atributos. Permite, ainda recriar situações, por exemplo: com a areia a criança pode criar bolos, construir castelos e com água pensar que está é o mar.

A caixa da água deve localizar-se perto de um lugar com acesso a água corrente e deve possuir materiais como figuras em plástico, tubos, chávenas, colheres de medida, entre outros que o educador ache pertinentes. Já na área da areia, devem existir pás, peneiras, baldes, funis, entre outros.

Área dos animais e plantas

Neste tipo de áreas o grande objectivo é permitir que as crianças possam “*observar o crescimento e a mudança e aprender a alimentar, a regar ou a dar de beber e a cuidar de seres vivos*” (Homann, 1995, p.72). Quanto mais animais e plantas se tiver maior terá de ser o espaço dedicado para esta área. No caso das plantas, é importante que se desenvolvam com alguma facilidade e que sejam proporcionadas às crianças oportunidade de semearem algo, sendo que muitos educadores, ainda hoje, plantam feijões, uma vez que é fácil para acompanhar o processo de germinação e crescimento. Importante nesta área é possuir vasos, terra e copos de plástico por exemplo.

No que diz respeito aos animais, a opção dos Educadores costuma recair em minhocas, formigas, lagartas, que poderão ficar em recipientes como frascos tapados de maneira a que haja a circulação do ar, ou então por girinos, peixes, porquinhos-da-Índia e mesmo coelhos.

Área de recreio ao ar livre

Para poder haver esta área é necessária a existência de um espaço exterior devidamente delimitado, de modo que as crianças compreendam que existe um limite e os adultos possam estar mais sossegados. Para esta delimitação podem-se usar árvores, arbustos, muros, entre outras estruturas. Posteriormente, é necessário delinear pontos de influência, para poder existir uma área para colocar unidades de equipamentos permanentes, outra para realizar actividades livres estruturas ou não, tendo presente que a segurança e a circulação são dois factores muito importantes.

Um conselho que Homann (1995) nos dá para evitar problemas de circulação é que se deve colocar “*as maiores peças de equipamento à volta do perímetro do recreio e deixando a parte central livre*” (p.74).

Devem-se colocar objectos que permitam às crianças variadas experiências físicas, como trepar (pneus, troncos, tábuas para balancés, estrutura permanentes para trepar), baloiçar (baloiços comerciais, ou feitos com cordas e pneus), escorregar (escorregas, rampas baixas), entrar e passar por baixo (casa de brincar, túneis, manilhas de cimento).

Anexo 2 – Documento dirigido a todos os educadores a pedir autorização

Pedido de autorização aos educadores do Jardim de Infância

Exmos. Senhores(as) Educadores(as)

Do Jardim de Infância de Monserrate,

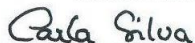
Eu, Carla Sofia Martins da Silva, estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, venho por este meio solicitar a vossa autorização para realizar uma investigação relacionada com o relatório final de Mestrado no qual estou matriculada, subordinado ao tema: “*A Importância da organização do Espaço no Jardim de Infância: áreas preferidas das crianças*”. Tenciono efectuar um Estudo de Caso, de observação participante, utilizando com amostra as crianças das quatro salas de actividades. Os instrumentos de recolha de dados são registos fotográficos da organização do espaço de cada sala, fichas de identificação do contexto, jardim, sala e grupo e uma pequena entrevista a cada criança, onde coloco duas questões:

“*Qual a área que mais gostas?*” e “*Qual a área que não gostas?*”. Para registar esses dados criei uma grelha, onde coloco o nome, data de nascimento e as devidas opiniões de cada criança. A identificação apenas serve para melhor gerir a recolha de dados, na eventualidade de alguma criança poder faltar e a data de nascimento será registada na análise dos dados, pois pode haver crianças que façam anos entre o período de recolha dos dados e de análise.

Com os melhores cumprimentos,

Aguardo deferimento,

A mestrande



Carla Silva

Viana do Castelo, 11 de Abril de 2011

Anexo 3– Documento em resposta redigido pela coordenadora do Jardim



Jardim de Infância de Monserrate

Viana do Castelo

Declaração

Eu, Maria da Graça Ferreira da Rocha, coordenadora do Jardim de Infância de Monserrate, declaro que tomei conhecimento do trabalho que a Estagiária, Carla Sofia Martins da Silva pretende realizar, no âmbito do relatório final do Mestrado, em Educação de Infância e com a anuência dos restantes colegas, que compõem o corpo docente deste Jardim de Infância, autorizamos a recolha de dados de identificação pessoal e fotográficos, das crianças a frequentar este estabelecimento e das respectivas áreas que compõem as salas de actividades.

Por questões éticas gostaríamos de ver mantido o anonimato das crianças envolvidas.

Viana do Castelo, 15 de Abril de 2011

A Coordenadora

A handwritten signature in blue ink, reading "Maria da Graça Ferreira da Rocha", written over a horizontal line.

Maria da Graça Ferreira da Rocha

Anexo 4 – Grelha

REGISTO DAS PREFERÊNCIAS DAS CRIANÇAS – ÁREAS

Sala

Educador: _____

nº total de crianças: _____

[illegible]

Anexo 5 – Ficha de identificação do Jardim

CARACTERIZAÇÃO DO JARDIM

1. Localização do Jardim
2. Organização e gestão do Jardim
3. Características do espaço físico (recreio - espaço exterior; interior)
4. Recursos Humanos
5. Recursos Materiais



Ilustração 2 – Recreio



Ilustração 4 – Ginásio



Ilustração 3 – Biblioteca



Ilustração 5 - Cantina

Anexo 6 – Ficha de identificação de cada sala

CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ACTIVIDADES E DO GRUPO

Sala: _____ Educador: _____

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO

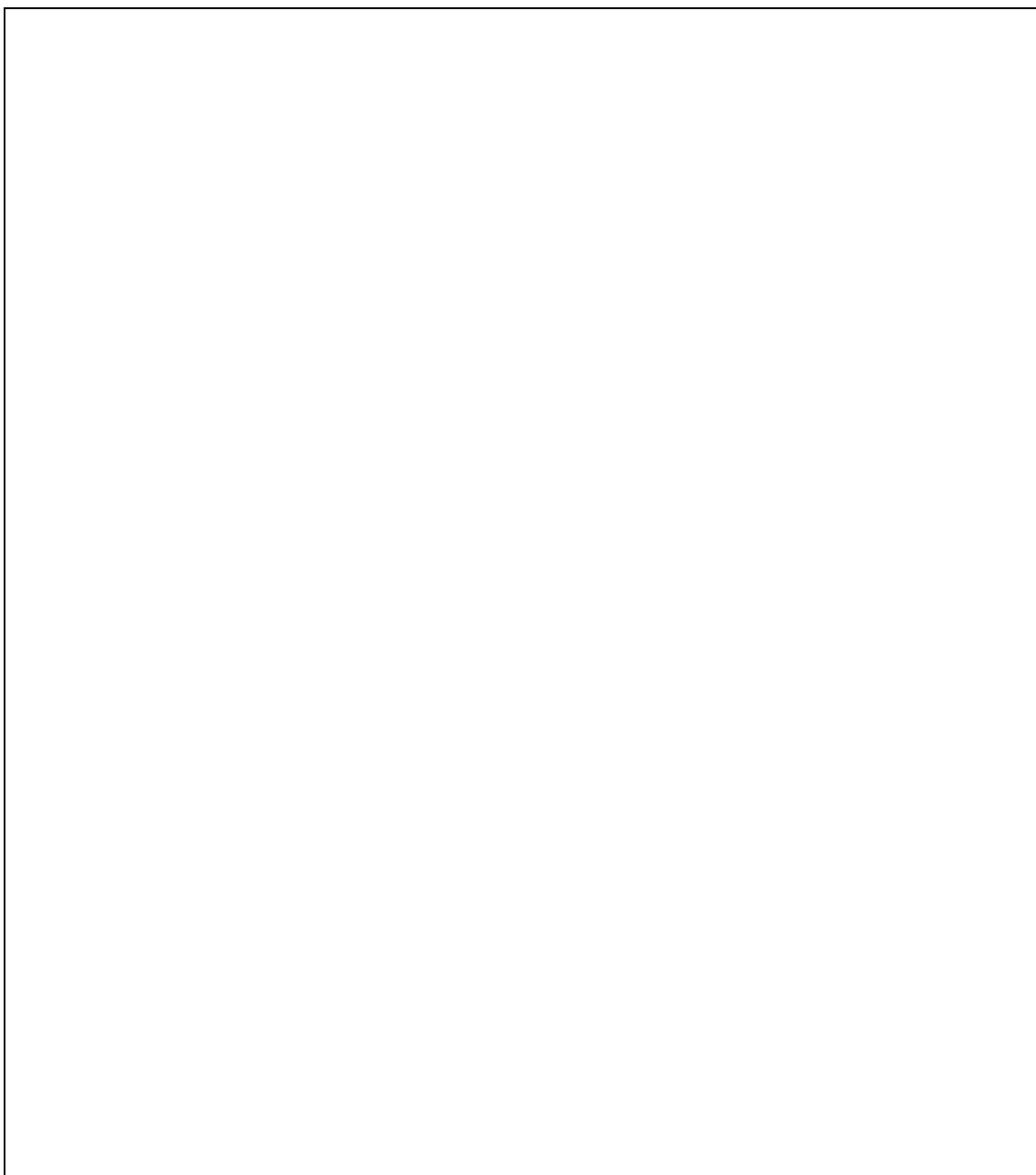
Número total de crianças: _____

Idades das crianças do grupo			
3 anos	4 anos	5 anos	6 anos

Sexo das crianças do grupo	
Feminino	Masculino

Áreas de trabalho existentes na sala:

Planta dos espaços da sala



Anexo 7– Fichas de identificação de cada sala preenchidas

CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ACTIVIDADES E DO GRUPO

Sala: 1 Educador: Graciosa

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO

Número total de crianças: 15

Idades das crianças do grupo			
3 anos	4 anos	5 anos	6 anos
8	7	0	0

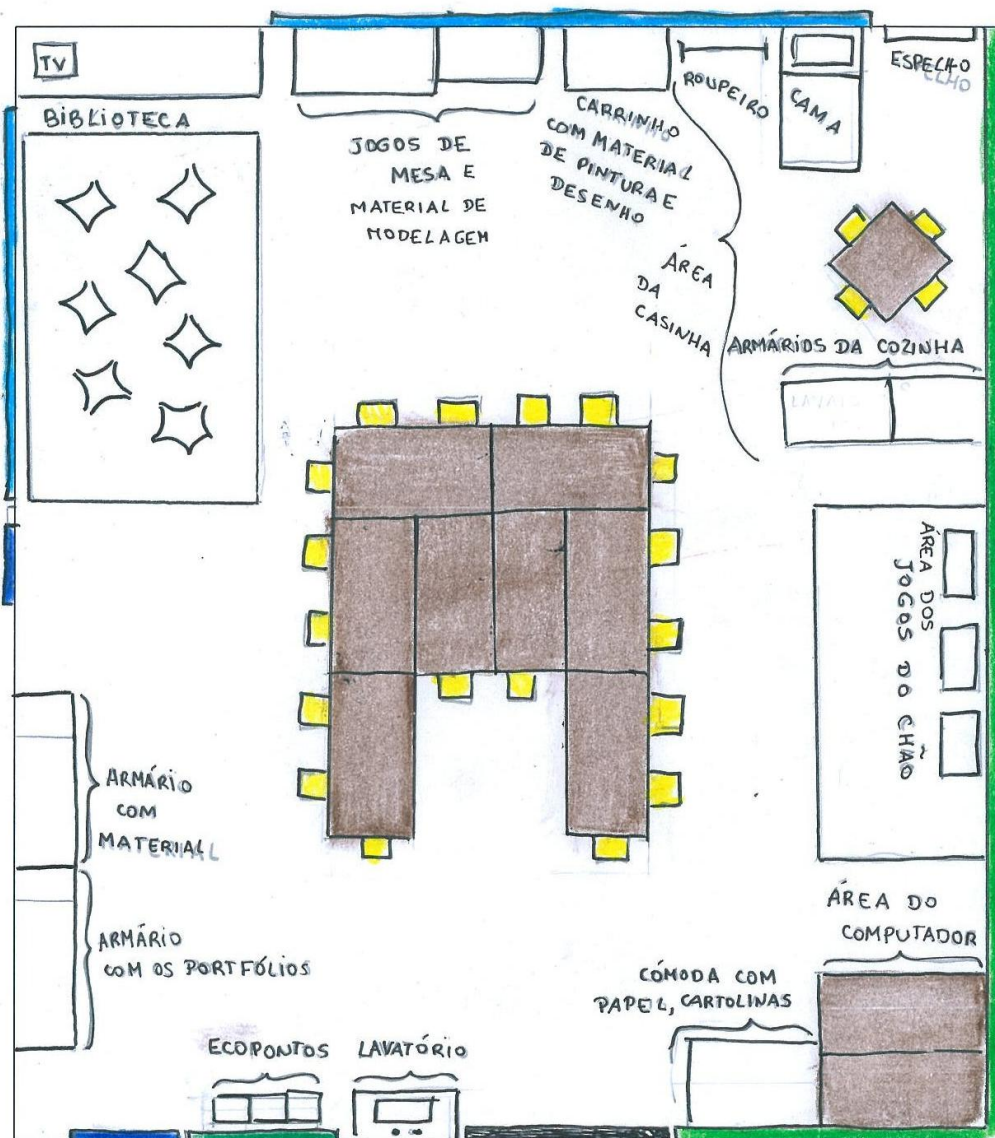
Nota: A nível dos dados referentes à idade, todos tem como ponto de referência o dia 15 de Junho de 2011.

Sexo das crianças do grupo	
Feminino	Masculino
11	4

Áreas de trabalho existentes na sala:

Biblioteca, Casinha, Colagem, Computador,
Desenho, jogos de chão, jogos de mesa,
Modelagem, Pintura e Quadro

Planta dos espaços da sala



- QUADRO DE GIZ
- JANELAS
- CADEIRAS
- PLACARES
- PORTAS
- MESAS



Ilustração 6 - Vista geral da sala



Ilustração 7 - Vista geral da sala



Ilustração 8 - Área dos Jogos de Chão



Ilustração 9 - Área da Biblioteca e cómoda com as actividades dos Jogos de Mesa



Ilustração 10 - Área da Casa



Ilustração 11 - Área do Computador, Área do Quadro e armário de material

CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ACTIVIDADES E DO GRUPO

Sala: 2 Educador: José António

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO

Número total de crianças: 23

Idades das crianças do grupo			
3 anos	4 anos	5 anos	6 anos
0	2	9	12

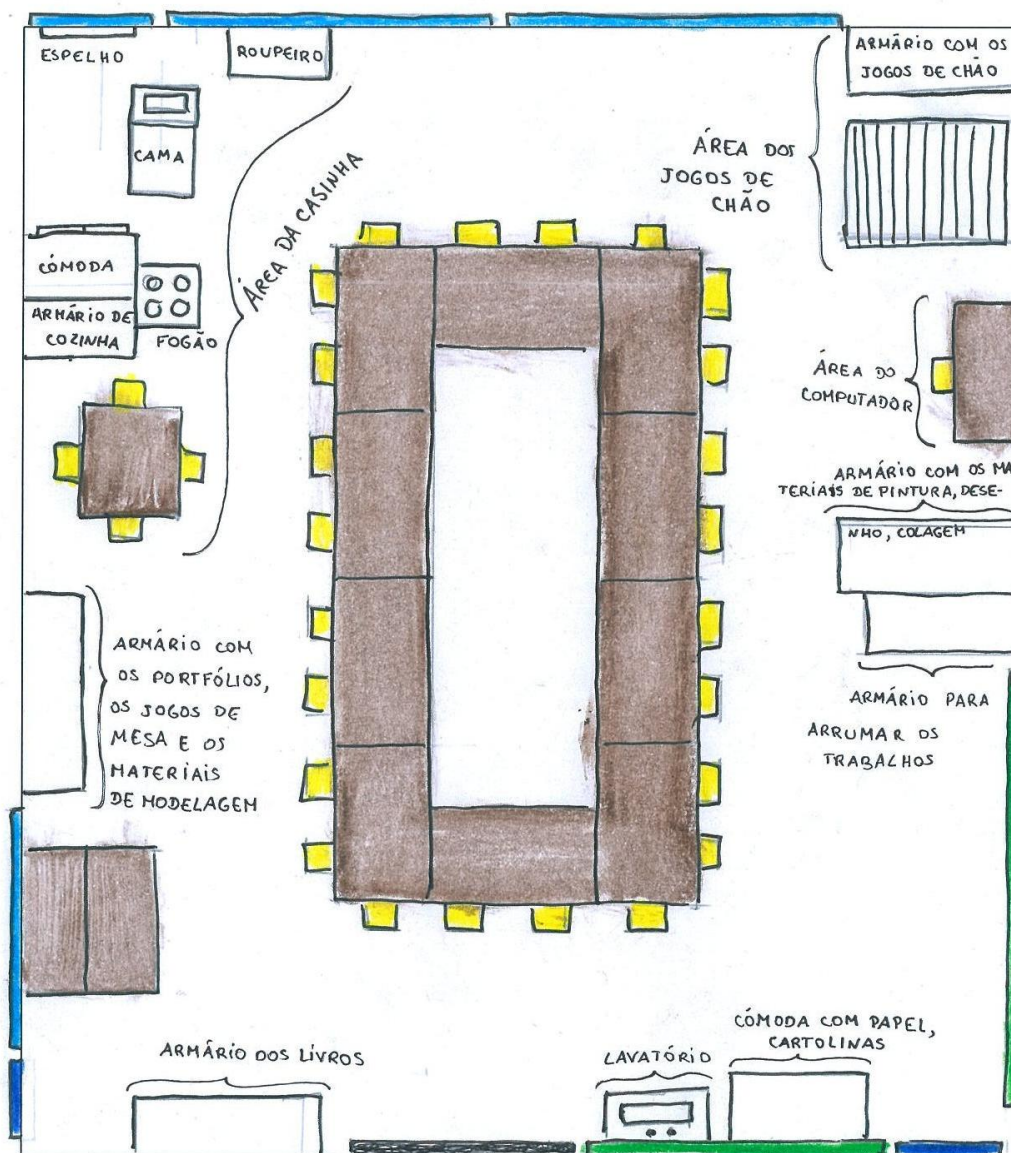
Nota: A nível dos dados referentes à idade, todos tem como ponto de referência o dia 15 de Junho de 2011.

Sexo das crianças do grupo	
Feminino	Masculino
13	10

Áreas de trabalho existentes na sala:

Biblioteca, Casinha, Colagem, Computador, Desenho,
jogos de chão, jogos de mesa, Modelagem,
Pintura e Quadro.

Planta dos espaços da sala



- QUADRO DE GIZ
- JANELAS
- CADENCIAS
- PLACARES
- PORTAS
- MESAS



Ilustração 12 - Vista geral da sala



Ilustração 15 - Área da Casinha



Ilustração 13 - Vista geral da sala 2



Ilustração 16 - Tabelas com as áreas



Ilustração 14 - Área dos Jogos de Chão e do Computador



Ilustração 17 - Armário com os Jogos de Mesa

CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ACTIVIDADES E DO GRUPO

Sala: 3 Educador: Graca Rocha

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO

Número total de crianças: 23

Idades das crianças do grupo			
3 anos	4 anos	5 anos	6 anos
2	12	6	3

Nota: A nível dos dados referentes à idade, todos tem como ponto de referência o dia 15 de Junho de 2011.

Sexo das crianças do grupo	
Feminino	Masculino
11	12

Áreas de trabalho existentes na sala:

Água, Biblioteca, Casinha, Colagem, Computador
Costura, Desenho, Escrita, jogos do Chão,
jogos de Mesa, Modelagem, Pintura, Projectos
e Quadro.

Planta dos espaços da sala

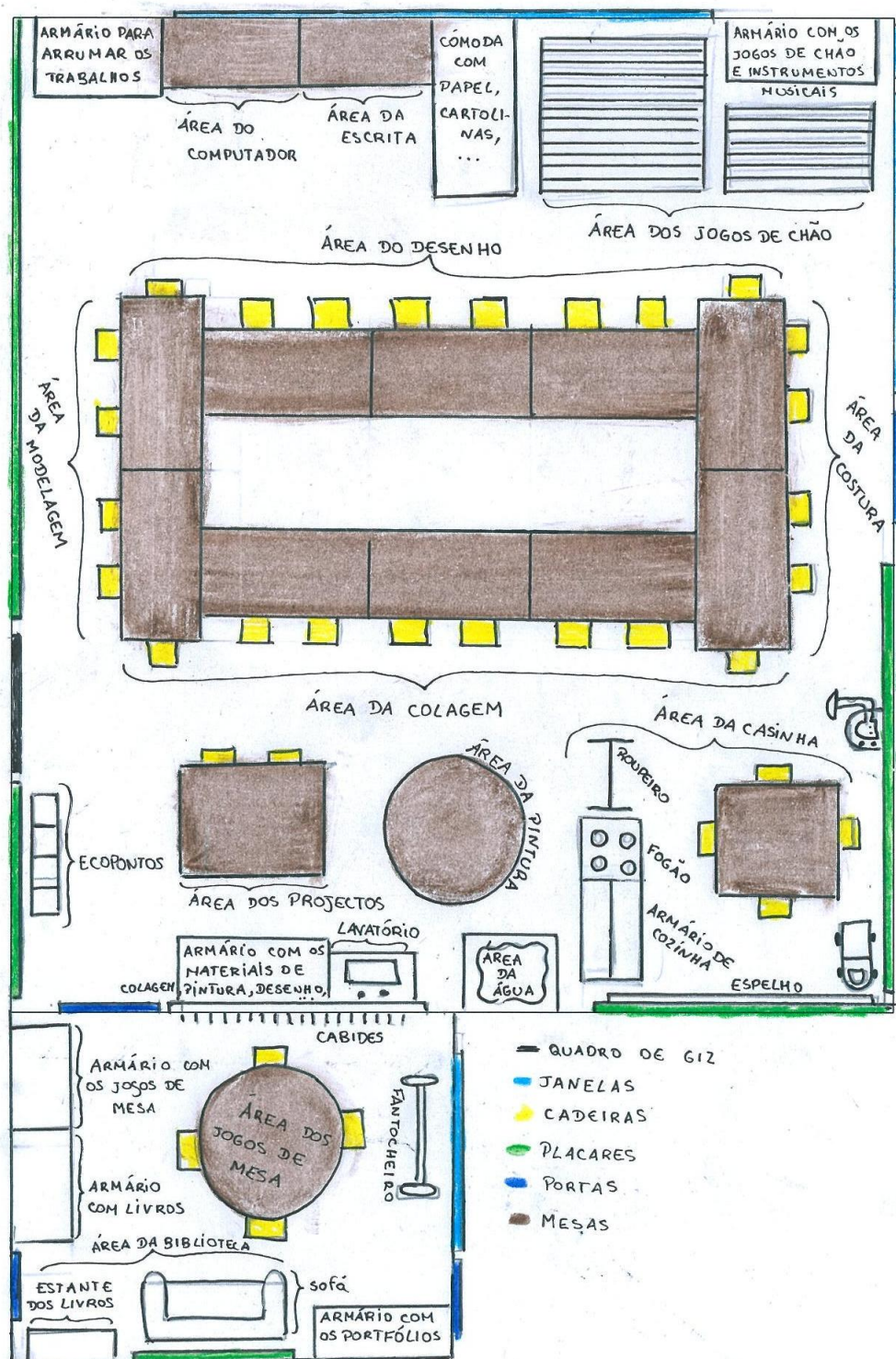




Ilustração 18 - Tabela das Áreas



Ilustração 19 - Área da Casinha



Ilustração 20 - Vista Geral



Ilustração 21 - Armário com os Jogos de Chão, o material da Costura e Instrumentos Musicais



Ilustração 22 - Armário com os Jogos de Mesa



Ilustração 23 - Armário com os materiais de Desenho, Colagem, Pintura.

CARACTERIZAÇÃO DA SALA DE ACTIVIDADES E DO GRUPO

Sala: 4

Educador: Gracia Cavaleiro

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO GRUPO

Número total de crianças: 24

Idades das crianças do grupo			
3 anos	4 anos	5 anos	6 anos
1	11	12	0

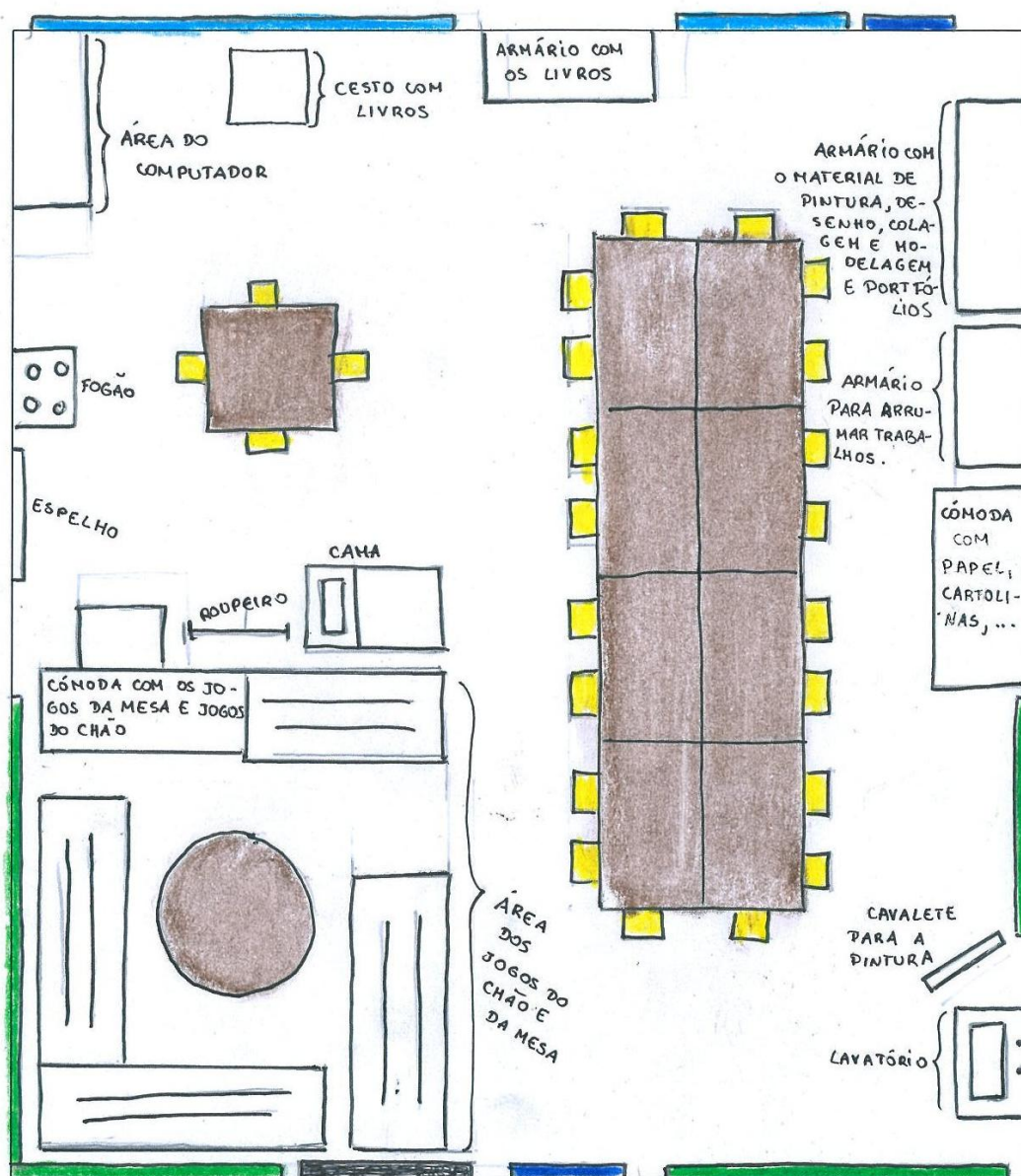
Nota: A nível dos dados referentes à idade, todos tem como ponto de referência o dia 15 de Junho de 2011.

Sexo das crianças do grupo	
Feminino	Masculino
13	11

Áreas de trabalho existentes na sala:

Biblioteca, Casimha, Colagem, Computador, Desenho,
jogos de chão, jogos de mesa, Modelagem, Pintura
e Quadro

Planta dos espaços da sala



- QUADRO DE GIZ
- JANELAS
- CADEIRAS
- PLACARES
- PORTAS
- MESAS



Ilustração 24 - Vista Geral



Ilustração 25 - Área da Casinha, do Computador e Biblioteca



Ilustração 26 - Armário dos Jogos do Chão e de Mesa



Ilustração 27 - Área dos Jogos de Chão, dos Jogos de Mesa e Local para contar histórias

Anexo 8 – Grelhas preenchidas**REGISTO DAS PREFERÊNCIAS DAS CRIANÇAS – ÁREAS****SALA 1****Educador: Graciosa****nº total de crianças: 15**

Idades	Data de Nascimento	Área que gosta mais	Área que gosta menos
4 anos	05/04/07	Jogos do chão	Desenho
	07/04/07	Biblioteca	Desenho
	10/04/07	Casinha	Jogos da mesa
	01/05/07	Casinha	Biblioteca
	09/05/07	Jogos da mesa	Casinha
	21/05/07	Jogos da mesa	Casinha
	22/05/07	Casinha	Jogo da mesa
3 anos	20/06/07	Casinha	Desenho
	22/06/07	Casinha	Colagem
	23/06/07	Jogos da mesa	Jogos do chão
	23/06/07	Desenho	Jogos do chão
	10/08/07	Casinha	Jogos do chão
	23/08/07	Jogos da mesa	Biblioteca
	21/06/07	Casinha	Jogos do chão
	08/12/07	Jogos do chão	Desenho

Idades	Data de Nascimento	Área que gosta mais	Área que gosta menos
6 anos	14/12/04	Casinha	Jogos da mesa
	05/01/05	Casinha	Jogos da mesa
	11/01/05	Jogos do chão	Casinha
	24/01/05	Casinha	Jogos da mesa
	29/01/05	Jogos do chão	Casinha
	07/02/05	Casinha	Jogos da mesa
	02/03/05	Jogos de chão	Jogos da mesa
	17/03/05	Desenho	Casinha
	18/03/05	Jogos da mesa	Casinha
	19/03/05	Desenho	Jogos da mesa
	25/05/05	Computador	Jogos do chão
	06/06/05	Jogos do chão	Casinha
5 anos	11/07/05	Jogos do chão	Casinha
	07/08/05	Jogos de mesa	Casinha
	22/08/05	Jogos do chão	Casinha
	02/05/05	Casinha	Jogos da mesa
	11/06/05	Jogos do chão	Pintura
	03/11/05	Casinha	Jogos da mesa
	21/12/05	Casinha	Jogos do chão
	22/03/06	Jogos da mesa	Jogos do chão
	14/04/06	Casinha	Jogos do chão
4 anos	13/09/06	Jogos do chão	Casinha
	17/09/06	Casinha	Jogos do chão

Idades	Data de nascimento	Área que gosta mais	Área que gosta menos
6 anos	14/02/05	Jogos do chão	Casinha
	14/02/05	Computador	Colagem
	20/04/05	Casinha	Colagem
5 anos	10/08/05	Jogos do chão	Colagem
	19/08/05	Desenho	Colagem
	16/09/05	Jogos da mesa	Colagem
	05/10/05	Jogos do chão	Jogo da mesa
	06/10/05	Jogos da mesa	Desenho
	24/11/05	Jogos da Mesa	Colagem
4 anos	27/09/06	Jogos do chão	Casinha
	02/10/06	Jogos de mesa	Colagem
	19/10/06	Jogos da mesa	Biblioteca
	20/10/06	Jogos da mesa	Pintura
	24/10/06	Jogos do chão	Pintura
	25/10/06	Jogos da mesa	Colagem
	17/11/06	Jogos da mesa	Biblioteca
	19/11/06	Jogos da mesa	Jogos do chão
	05/12/06	Casinha	Jogos do chão
	02/01/07	Computador	Jogos do chão
	04/01/07	Jogos de chão	Colagem
	13/02/07	Jogos da mesa	Colagem
3 anos	23/06/07	Jogos da mesa	Biblioteca
	09/07/07	Jogos do chão	Casinha

Idades	Data de nascimento	Área que gosta mais	Área que gosta menos
5 anos	05/12/05	Pintura	Colagem
	19/12/05	Computador	Colagem
	30/01/06	Casinha	Jogos da mesa
	04/02/06	Desenho	Colagem
	04/03/06	Jogos da mesa	Desenho
	05/03/06	Colagem	Casinha
	18/04/06	Computador	Casinha
	25/05/06	Jogos do chão	Colagem
	01/06/06	Computador	Desenho
	05/06/06	Pintura	Desenho
	09/06/06	Casinha	Pintura
	12/06/06	Jogos da mesa	Biblioteca
4 anos	26/06/06	Casinha	Jogos da mesa
	30/06/06	Casinha	Jogos do chão
	04/07/06	Desenho	Colagem
	19/07/06	Desenho	Jogos do chão
	01/08/06	Jogos do chão	Desenho
	03/08/06	Jogos do chão	Colagem
	22/08/06	Desenho	Colagem
	23/08/06	Modelagem	Casinha
	29/10/06	Biblioteca	Jogos da mesa
	16/03/07	Biblioteca	Jogos da mesa
	20/03/07	Casinha	Jogos da mesa
3 anos	23/06/07	Casinha	Desenho